

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

LUCAS WILLIAN OLIVEIRA MARCIANO

**“FERRA-SE CAVALOS” – DE APASSIVADOR A INDETERMINADOR:  
O USO DO CLÍTICO SE COMO ESTRATÉGIA DE DESAGENTIVIZAÇÃO  
VERBAL**

Belo Horizonte  
2019

LUCAS WILLIAN OLIVEIRA MARCIANO

**“FERRA-SE CAVALOS” – DE APASSIVADOR A INDETERMINADOR:  
O USO DO CLÍTICO SE COMO ESTRATÉGIA DE DESAGENTIVIZAÇÃO  
VERBAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em uso

Orientadora: Profa. Dra. Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M319f

Marciano, Lucas Willian Oliveira.

"Ferra-se cavalos" - de apassivador a indeterminador [manuscrito] : o uso do clítico SE como estratégia de desagentivização verbal / Lucas Willian Oliveira Marciano. – 2019.

92 f., enc.

Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 87-92.

1. Linguística – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Gramática comparada e geral – Teses. I. Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



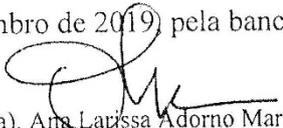
## FOLHA DE APROVAÇÃO

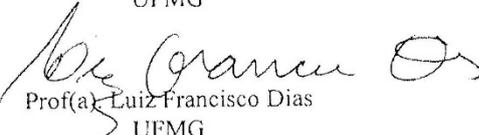
**“FERRA-SE CAVALOS” - DE APASSIVADOR A INDETERMINADOR:  
O USO DO CLÍTICO SE COMO ESTRATÉGIA DE  
DESAGENTIVIZAÇÃO VERBAL**

**LUCAS WILLIAN OLIVEIRA MARCIANO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 16 de dezembro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira - Orientadora  
UFMG

  
Prof(a). Luiz Francisco Dias  
UFMG

  
Prof(a). Maria Medianeira de Souza  
UFPE

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2019.

  
Prof. Wander Emediato de Souza  
Coord. Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos  
FALE/UFMG

*À minha mãe, Rosilene, que, não podendo me dar o mundo, me deu algo  
mais precioso: as palavras.  
A Rafael, que me dá amor em forma de música.*

## **Agradecimentos**

Agradeço às colegas de pós-graduação, Raquel Rossini e Monique Miranda, pela ajuda prestada. À Raquel, agradeço pela revisão da dissertação e pela oferta de auxílio sempre que necessário.

À Monique, devo agradecer pelas inúmeras vezes em que me ajudou na metodologia do projeto, na análise de dados e na revisão. Sua parceria, seu comprometimento e sua paciência foram essenciais para o meu trabalho.

Por fim, agradeço à Ana Larissa, que foi muito mais que uma orientadora para mim. Desde a iniciação científica, me incentivou e me deu suporte. Agradeço a gentileza em entender minha vida conturbada e meus horários incomuns. Agradeço a paciência com meus prazos. Agradeço por toda empatia durante o mestrado. Eu não conseguiria chegar até aqui sem seu apoio e companheirismo. Obrigado de todo coração.

## Resumo

Esta pesquisa pretende analisar o uso do clítico SE em artigos científicos como estratégia de impessoalização do discurso, principalmente em sua forma indeterminadora. A análise toma por base a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday & Matthiessen (2004), uma abordagem que entende a língua como um sistema moldado pelo contexto de uso. Para tanto, foram selecionados artigos do Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro (CAPB) (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2018). O CAPB é um projeto desenvolvido em parceria da Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Viçosa. Contando com textos extraídos do portal *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, o corpus é organizado em nove grandes áreas do conhecimento, seguindo o padrão da plataforma: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar. Como recorte de pesquisa, selecionou-se a área de Ciências Biológicas para a análise das ocorrências do SE. O tratamento dos dados foi feito por meio do *software* livre *Kitconc*© 4.0 (MOREIRA FILHO, 2008). A ferramenta permite gerar linhas de ocorrência de palavras nos textos, bem como a limpeza dos dados. Assim, foram selecionadas todas as ocorrências do SE, excluindo-se conjunções, siglas, condicionais e expressões latinas. O corpus final conta com 3037 ocorrências do clítico SE. Em seguida, gerou-se um recorte mais restrito: as ocorrências do SE indeterminador com verbos transitivos diretos, totalizando 40 ocorrências. Após a limpeza, foram averiguados os processos os quais se atrelavam ao clítico. Revelando sua natureza pronominal, a posição pós-verbal foi a predominante. Com intuito de fazer uma análise qualitativa, analisaram-se os 40 contextos a fim de se discutir o uso do SE indeterminador com verbos transitivos diretos, uso rechaçado pela Gramática Tradicional (GT). Nas amostras, a ausência de concordância entre o processo e seu argumento, ainda que prescrita pela GT, foi entendida como uma transição do SE apassivador para o indeterminador. A Linguística Sistêmico-Funcional foi empregada para análises em relação a esse uso particular do clítico, além do contexto de produção, da interação entre falantes e das intenções comunicativas. Segundo Nunes (1991), há uma relação muito próxima entre as duas funções do SE. Ainda, como estratégia de desagentivização verbal, discute-se o uso da voz média, nos conceitos de Camacho (2013), aproximando as amostras do corpus a esse conceito. Tais estruturas mediais indicam um processo auto-causado, em que não há presença de agente iniciador do evento. Ainda, abre-se uma discussão sobre o entendimento do falante no que tange o uso do clítico SE, comparando empregos orientados pela GT e aqueles desviantes dela. Com as amostras do corpus, propõe-se uma reflexão do uso do SE como partícula impessoalizadora em sentenças consideradas passivas, tradicionalmente. Nessa perspectiva, os resultados revelam que as ocorrências do SE estão atreladas, principalmente, à apresentação de resultados e discussão de dados dos artigos pesquisados, além da omissão da figura do agente/ pesquisador. Nessas partes do texto acadêmico, espera-se que o autor afaste sua figura do processo, produzindo um efeito de afastamento de sua imagem em relação aquilo que é apresentado ou discutido no texto. Por fim, conclui-se que o SE é um recurso importante, porém pouco estudado, como desagentivizador verbal, essencial para a marcação da impessoalidade do texto científico. O estudo também propõe a criação de

material didático para o ensino do gênero artigo científico baseado no uso do clítico SE como marca textual.

**Palavras-chave:** clítico SE, desagentivização, indeterminação, LSF, artigo científico.

## Abstract

This research aims to analyze the use of clitic SE in scientific articles as a strategy of impersonalization of discourse, especially in its indeterminate form. The analysis is based on Halliday & Matthiessen's Systemic-Functional Linguistics (SFL) (2004), an approach that understands language as a system shaped by the context of use. Therefore, articles from Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro (CAPB) (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2018) were selected. CAPB is a project developed in partnership with the Federal University of Minas Gerais and the Federal University of Viçosa. Featuring texts extracted from the SciELO portal (Scientific Electronic Library Online), the corpus is comprised of nine major areas of knowledge, following the platform pattern: Exact and Earth Sciences, Biological Sciences, Engineering, Health Sciences, Agrarian Sciences, Science Applied Social Sciences, Humanities, Linguistics, Literature and Arts and Multidisciplinary. As a research clipping, the area of Biological Sciences was selected to analyze the occurrences of SE. Data processing was done through free software *Kitconc*® 4.0 (MOREIRA FILHO, 2008). The tool allows to generate words occurrence lines in the texts, as well as the cleaning of the data. All SE occurrences were selected, excluding conjunctions, acronyms, conditionals and Latin expressions. The final corpus presents 3,037 occurrences of clitic SE. Then, a narrower cut was generated: the occurrences of the indeterminate SE with direct transitive verbs, totaling 40 occurrences. After cleaning, the verbal processes which were linked to the clitic were investigated. Revealing its pronominal nature, the postverbal position was the predominant one. In order to make a qualitative analysis, the 40 contexts were analyzed in order to discuss the use of indeterminate SE with direct transitive verbs, use rejected by the Traditional Grammar (TG). In the samples, the lack of agreement between the verbal process and its argument, even if prescribed by the TG, was understood as a transition from the passive SE to the indeterminate. The Systemic-Functional Linguistics was used for analysis regarding this particular use of the clitic, in addition to the production context, the interaction between speakers and the communicative intentions. According to Nunes (1991), there is a very close relationship between the two SE functions. Moreover, as a strategy of verbal disagentivization, the use of middle voice in the concepts proposed by Camacho (2013) is discussed, approximating the corpus samples to this notion. The medial structures indicate a self-caused verbal process in which there is no presence of initiating agent of the event. Furthermore, there is a discussion about the speaker's understanding regarding the use of the SE clitic, comparing TG-oriented use and those deviant from it. With corpus samples, this study proposes a reflection on the SE grammaticalization as impersonalizing particle, even if it occurs in passive sentences, traditionally. The results reveal that the SE occurrences are mainly linked to the presentation of results and data discussion, in addition to the omission of the agent/researcher figure. In these parts of the academic text, the author is expected to move his figure away from the verbal process, since he does not wish to compromise his image in relation to what is presented or discussed. Finally, it is concluded that SE is an important resource, but little studied as a verbal disagentivizer, essential for marking the impersonality of the scientific text. The study also proposes the creation of didactic materials for the scientific article genre teaching based on the use of the SE clitic as text mark.

**Keywords:** SE clitic, disagentivization, indeterminacy, SFL, scientific article.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> A gramática da experiência, tipos de processo em Inglês (Halliday & Matthiessen, 2004) .....	25
<b>Figura 2:</b> Lista de palavras mais frequentes no corpus .....	51
<b>Figura 3:</b> Lista de concordâncias do SE .....	52
<b>Figura 4:</b> Janela com contexto de ocorrência da palavra SE .....	52
<b>Figura 5:</b> Contextos de ocorrência do SE – posição pós-verbal .....	54
<b>Figura 6:</b> Contextos de ocorrência do SE – posição pré-verbal .....	55
<b>Figura 7:</b> Cartaz de divulgação de seminário .....	81
<b>Figura 8:</b> Placa afixada em frente a uma casa .....	81

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Processos e o SE .....	56
<b>Tabela 2:</b> Processos e o SE – ocorrências com concordância prescritiva/ hipercorreção .....	57

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**CAPB** : Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro.

**CB**: Ciências Biológicas.

**GT**: Gramática Tradicional.

**LSF**: Linguística Sistêmico-Funcional.

**LF**: Linguística Funcional.

**PB**: Português Brasileiro.

**PE**: Português Europeu.

**VPA**: Voz Passiva Analítica

**VPS**: Voz Passiva Sintética.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	12
<b>2 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL</b> .....	17
<b>2.1 As metafunções da linguagem</b> .....	19
<b>2.2 Metafunção ideacional</b> .....	22
<b>2.2.1 Os tipos de processo</b> .....	23
<b>2.4 Metafunção interpessoal</b> .....	27
<b>3 GÊNERO ACADÊMICO</b> .....	28
<b>3.1 O gênero artigo científico</b> .....	30
<b>4 VOZ MÉDIA</b> .....	32
<b>5 ESTUDOS DA PARTÍCULA SE</b> .....	36
<b>5.1 A gramaticalização do SE</b> .....	45
<b>6 INFORMALIDADE TANGENCIANDO O TEXTO ACADÊMICO</b> .....	46
<b>6.1 Hipercorreção</b> .....	48
<b>7 METODOLOGIA</b> .....	49
<b>8 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO</b> .....	58
<b>8.1 Grupo 1: SE + numeral</b> .....	63
<b>8.2 Grupo 2: SE + participante simples (um núcleo)</b> .....	67
<b>8.3 Grupo 3: SE + participante complexo (2 ou mais núcleos)</b> .....	73
<b>8.4 Apassivação e Hipercorreção</b> .....	75
<b>8.5 A formalização do TEM-SE</b> .....	77
<b>8.6 Voz média</b> .....	79
<b>9 DISCUSSÃO: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO</b> .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em seu célebre conto, *O colocador de pronomes*, Monteiro Lobato (1956) apresenta a história de Aldrovando, um irrecuperável gramático defensor extremista da norma culta. Em uma de suas aventuras pela cidade, com o objetivo de prezar pela “boa língua”, o personagem se depara com uma placa de uma oficina de ferragens, na qual se lê:

### *Ferra-se cavalos*

Indignado com a afronta, segundo ele, à língua materna, Aldrovando impõe ao ferreiro, Serafim, a dita correta forma da sentença, justificando que “(...) está a forma verbal com eiva grave. O ‘ferra-se’ tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é ‘cavalos’”. A resposta recebida pelo defensor do vernáculo, contudo, não é a que ele esperava. Utilizando-se de uma lógica quase inquestionável, Serafim tece a seguinte justificativa para sua placa:

V. S. me perdoe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. Aquele “se” da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos - Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tábua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos. Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.

Embora anedótica, a explicação do ferreiro revela um fenômeno que tem sido observado no português brasileiro (PB): a destituição do clítico SE como pronome apassivador. Como bem coloca Serafim, em frases como *Ferra-se cavalos*, na concepção do falante, não há sujeito expreso. O que aparece após o verbo é interpretado como seu objeto e cabe ao SE a marcação de sujeito, ainda que indeterminado. Esta teoria é defendida por Bagno (2001), que discute sobre a percepção do falante em relação aos participantes<sup>1</sup> pós-verbo + SE: o usuário os interpreta como objeto, não como sujeito.

Nesta dissertação, a referência ao conto de Monteiro Lobato (1956) é empregada no título justamente por configurar-se no objeto de estudo desta

---

<sup>1</sup> Nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, explicados em seção posterior. Tradicionalmente chamados de sintagmas.

pesquisa. Embora Serafim pretendesse ser sucinto ao anunciar seu trabalho, o SE também representa uma estratégia que permite o apagamento de qualquer agente que poderia estar relacionado ao verbo *ferrar*. Num sentido metafórico, a intertextualidade aqui feita objetiva reforçar uma tese que será defendida ao longo do estudo: o uso produtivo do clítico SE como forma de desagentivização verbal em contextos em que não há concordância entre verbo e sujeito. O que será mostrado é o olhar do falante sobre essas estruturas tradicionalmente chamadas de voz passiva sintética, nas quais o sujeito aparece frequentemente posposto ao verbo. Também, será discutido o efeito produzido por esse uso no texto acadêmico.

Manuel Said Ali (2008), em sua clássica obra *Dificuldades da Língua Portuguesa*, já advogava em favor de uma sintaxe em que o SE, acompanhado de qualquer verbo, seja transitivo direto ou indireto, atue como agente indeterminado. Esse recurso configura-se, segundo o autor, como “fórmulas destinadas a calar o nome do agente” (2008, p. 103). Em outras palavras, essas construções apresentam uma ideia comum: alguém faz alguma coisa (no exemplo-título, alguém ferra cavalos). Caso houvesse necessidade de se marcar o sujeito, a língua apresenta outras formas para fazê-lo, como o uso de sujeito explícito em voz ativa ou passiva (*Serafim ferra cavalos/ Cavalos são ferrados por Serafim*). No entanto, a escolha por uma forma a qual omite o agente parece ser motivada por alguns fatores, como o não reconhecimento do praticante da ação ou o não desejo de identificá-lo.

O emprego da palavra SE tem se mostrado um importante recurso que visa a conferir afastamento da figura do escritor do texto, em especial, nos textos dissertativos, como demonstra Morais (2013) em sua tese. Dessa forma, tem-se por intenção analisar o emprego da estratégia em artigos acadêmicos, em especial os casos que fogem à prescrição tradicional, uma vez que há conflitos de interesses, por assim dizer: para a Gramática Tradicional (GT), deve haver a concordância entre sujeito e verbo; para o falante, a concordância é dispensável, mesmo em se tratando de contexto formal, que é a produção do texto científico.

Em relação aos textos acadêmicos, especificamente, Hyland (2009) afirma que essa esfera discursiva tem modificado a forma como a realidade é interpretada (p. 2). O discurso acadêmico permeia vários gêneros encontrados no dia a dia: desde bulas de remédio a boletins de previsão do tempo. Assim,

conhecer esse discurso e saber empregá-lo se torna essencial para a produção de conhecimento e sua divulgação. Ainda, o autor afirma que o discurso acadêmico se difere de outros discursos devido a sua tecnicidade (seleção vocabular formal/ emprego de vocabulário técnico e/ou disciplinar) e a sua aparente neutralidade (estratégias para se omitir ou apagar o agente).

Sobre as formas de conferir a impessoalidade ao texto acadêmico, Halliday (1985, 1994) e Halliday & Matthiessen (2004), em sua Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), apontam expressões que permitem a desagenticização do verbo. Ao tratar da ergatividade (conceito a ser aprofundado mais à frente neste estudo), ocorrências que indicam eventos que ocorrem por si só, ou que podem ser causados, os autores apresentam uma possibilidade de neutralização do agente. Em enunciados como *A porta (se) fechou*, o argumento verbal Agente (Participante/Ator, nos termos da LSF) encontra-se omissos. Essa organização resulta em um evento que parece ter desenvolvimento próprio, isto é, apresenta-se como causado por ele mesmo.

Outra possibilidade de omissão do agente verbal é o uso de estruturas existenciais prototípicas, como o verbo *haver*, ou menos formais, como o verbo *ter* (também discutidas adiante no presente trabalho). Em seu artigo, *Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro*, Vieira (2017) analisa o emprego desses dois verbos em textos orais e escritos do português brasileiro a fim de descrevê-los como estratégias de impessoalização.

Nesta pesquisa, a estratégia impessoalizadora selecionada para análise é aquela realizada pelo clítico SE, como já mencionado. Aqui objetiva-se explorar esse artifício textual, por meio de análises de textos correntes, como um recurso proveitoso para conferir a neutralidade do discurso acadêmico, representado pelos artigos científicos selecionados. Em foco, estarão construções pouco convencionais (também chamadas de inovadoras), mas que têm adquirido espaço na língua em uso, incluindo o contexto formal. Com a ciência de que tal estratégia ainda figura em posição litigiosa – aceita por uns (linguistas e falantes) e rechaçada por outros (gramáticos mais conservadores) –, espera-se produzir material para potencializar o reconhecimento do SE como marca linguística do texto acadêmico.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Entre algumas pesquisas atuais sobre o clítico SE como recurso de impessoalização destaca-se o trabalho de Fernanda Beatriz Caricari de Moraes (2013).

A proposta dessa dissertação é, portanto, analisar a ocorrência do clítico SE em textos acadêmicos, aqui representados por artigos científicos. Objetiva-se compreender como/se o referido termo pode ser empregado a fim de conferir efeitos de impessoalidade e objetividade à escrita acadêmica. Além disso, há a intenção de discutir o uso do SE apassivador empregado como indeterminador, avaliando seu uso e seu contexto de ocorrência.

Considerando que há trabalhos que previamente abordaram o uso do SE como desagentivizador, o recorte a ser feito está relacionado às estruturas em que o SE é empregado como indeterminador do sujeito. Também, será feita uma análise da voz média, nos termos de Camacho (2003). Comumente, o SE, quando empregado para impessoalização discursiva, é apenas visto, segundo as gramáticas normativas (BECHARA, 2009; SACCONI, 2008, 1989; CUNHA & CINTRA, 2008; NICOLA & INFANTE, 1997), como pronome apassivador ou índice de indeterminação do sujeito. A abordagem da voz média apresenta uma outra visão sobre a referida partícula, bem como outras possibilidades de uso, além da impessoalização, a opacidade do agente e a desagentivização do verbo, conforme analisados por Moraes (2013).

De acordo com Camacho (2003), o conceito de voz média está relacionado, principalmente, às línguas ergativas, as quais apresentam alinhamento entre sujeito de verbos transitivos e objetos. Nessas línguas, os argumentos verbais podem ter suas relações gramaticais comutadas, gerando estruturas em que o sujeito gramatical também é o beneficiário da ideia expressa pelo verbo (CAMACHO, 2003).

Para a análise, apresentada a seguir, foram coletados textos do Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro (CAPB) (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2018). O CAPB é um projeto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais com a Universidade Federal de Viçosa. Formado por artigos científicos da biblioteca eletrônica *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, é organizado em nove grandes áreas do conhecimento, seguindo o padrão da SciELO: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar. A seleção deste corpus se dá, em especial, devido à participação, durante a iniciação científica, na coleta e na limpeza dos textos a serem inseridos no projeto. Atualmente, o

CAPB está em expansão, com o acréscimo de outros artigos e a perspectiva de outros gêneros acadêmicos.

Como ponto de partida teórico, será empregada a Linguística Funcional (LF), visto que esta corrente teórica objetiva analisar o emprego efetivo da língua nos diversos contextos de comunicação, assim como é proposto aqui.

Retornando à questão do SE e seu estudo, em alguns trabalhos anteriores, também foi feita a análise da partícula (MORAIS, 2013; SARAIVA, 2013). Nessas análises, não houve recorte específico de estratégia (SE passivo, indeterminador, medial). Moraes (2013) analisou várias estruturas com o SE e as catalogou em grupos. Também, não houve recorte específico do corpus: Saraiva (2013) tomou por base artigos científicos de várias áreas. O diferencial desta dissertação é a focalização em um corpus e em uma estrutura específicos. Adotando tal metodologia, é possível fazer uma averiguação mais qualitativa do emprego do SE no texto acadêmico.

No que tange ao artigo científico, identificar o gênero, um dos focos deste trabalho, parece demandar análises que extrapolam conteúdo e/ou estratégias linguísticas recomendadas pela literatura especializada. Deve-se, para tanto, entender o que é o texto produzido no contexto acadêmico por pesquisadores das diversas áreas do saber (Ciências Biológicas, no recorte deste estudo). Para isso, em seção específica, será apresentado o conceito de gênero selecionado para este trabalho, bem como alguns autores que o analisam.

Com base no que foi exposto até então, fizeram-se as perguntas de pesquisa que se seguem:

1. Quais são as estruturas com o clítico SE mais frequentes no corpus em análise?
2. O que pode motivar o uso do SE indeterminador nesses textos?
3. Os efeitos de impessoalidade podem ser conferidos ao texto por meio do uso do clítico SE?
4. Em estruturas mediais, quais os efeitos discursivos provocados, tais como neutralidade, afastamento da figura do pesquisador, foco na ação?

Em relação à organização deste trabalho, segue-se a divisão das seções: no capítulo 2, apresenta-se a Linguística Sistêmico-Funcional com seus conceitos e abordagens. Em sequência, há a concepção de gênero textual, pautada em Halliday (2004), entre outros. A voz média é assunto do capítulo 4,

no qual se aborda a proposta de Camacho (2003), além de outros pesquisadores os quais estão relacionados às ideias do autor. A seguir, apresenta-se um panorama dos estudos sobre o SE, suas classificações e abordagens diversas. O capítulo 6 aborda a noção de informalidade no texto acadêmico. No capítulo posterior, descreve-se a metodologia empregada na dissertação, explicando-se a coleta dos dados, o tratamento dos textos e a seleção das ocorrências para análise. As análises propriamente ditas compreendem o capítulo 8, em que se tecem observações sobre as aparições do clítico SE nos textos, bem como a questão do gênero artigo acadêmico. Finalmente, nas Considerações Finais, são retomadas as discussões propostas ao longo do texto, bem como reflexões sobre as perguntas de pesquisa e suas possíveis respostas.

## **2 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Para Halliday & Matthiessen (2004), escrita e fala são caminhos para construção de textos. Estes, segundo os autores, podem ser vistos sob duas perspectivas: (I) como objeto e (II) como ferramenta para se acessar algo mais. Quando objeto, avalia-se como o texto constrói seus significados; quando ferramenta, avalia-se como o ele demonstra o sistema linguístico no qual se insere. Obviamente, os dois olhares são complementares, já que um texto é ferramenta da língua usada para dizer ou mesmo fazer coisas: comunicar, pedir, questionar etc. Assim, só é possível dizer o significado de um texto com base no sistema linguístico que o forma. Também, é o mesmo sistema o qual contribui para que ele diga o que é dito.

Portanto, o que os autores propõem é que os vários contextos sociocomunicativos, sejam os políticos, os econômicos ou os literários, moldam os escritos produzidos. Nesse processo de construção, as orações da gramática representam processos (de fazer, de dizer, de ser) com participantes e circunstâncias, além de serem usadas para se fazer algo: perguntar, dar ordens, fazer ofertas (p. 29).

Assim, a LSF (HALLIDAY, 1985,1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) é uma abordagem que toma a língua como um sistema moldado pelo contexto de uso. Isto é, a língua é entendida como um conjunto de possibilidades comunicativas as quais são acessadas/selecionadas pelo falante dependendo

de suas intenções comunicativas, relacionadas ao momento de fala, o qual é representado pela co-ocorrência de dois contextos: o contexto de cultura e o contexto de situação.

Nessa teoria, estudos da linguagem são vistos como um evento interativo, como um processo, uma troca social de significados, em contextos específicos de situação. Halliday (1994, p. 16) argumenta que uma análise do discurso não baseada em gramática não é uma análise completa, mas um simples comentário sobre o texto. A realização de um texto acontece através das relações semânticas e gramaticais. A gramática é requerida por fornecer uma compreensão clara do sentido e da efetividade de um texto, por isso precisa haver esta orientação semântica e funcional.

Para a Linguística Funcional, a língua é uma ferramenta comunicacional não autônoma. Sua estrutura gramatical é moldada pela influência da situação de comunicação (KENEDY; MARTELOTTA, 2003). Ainda, numa perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é um processo interativo contextualizado (HALLIDAY, 1994).

De acordo com Halliday & Matthiessen (2004), o contexto de cultura delimita a seleção dos elementos textuais restringindo-os à situação cultural em que estão imersos, revelando o uso social da linguagem. Já o contexto de situação está atrelado aos mecanismos de uma interação comunicativa, isto é, o conteúdo lexical e as estruturas gramaticais marcadores dos diversos gêneros. A associação desses dois contextos gera as particularidades de certos conjuntos textuais, diferenciando-os de outros grupos por meio de três fatores composicionais do contexto de situação: **campo**, **relação** e **modo**.

O **campo** diz respeito à interação, seus participantes, processo e circunstâncias. A **relação** trata da posição dos envolvidos, ou seja, seu *locus* social. Por fim, o **modo** apresenta a organização da língua e seu objetivo comunicativo. Os constituintes do contexto de situação espelham significados que delimitam a forma.

A título de exemplificação, no artigo acadêmico, os três fatores podem ser assim percebidos: **campo** – disseminação de pesquisas no âmbito acadêmico; **relação** – pesquisadores e seus pares (o público-alvo é composto por especialistas da área); e **modo** – modalidade escrita da língua com textos publicados nos suportes e plataformas específicos.

Na visão da LSF, a linguagem é interativa e está atrelada ao câmbio social de significados. Nessa perspectiva, o que se procura analisar em relação ao discurso é (i) o que o texto diz e quais os caminhos empregados para fazê-lo e (ii) por que um determinado texto consegue ser ou não eficaz em seus propósitos comunicativos. Na produção de tais textos, realizam-se três tipos de significados associados a três metafunções da linguagem, segundo Halliday (1985 e 1994) e Halliday & Matthiessen (2004):

I – Significado associado à representação experiencial por meio da língua, vinculado à metafunção ideacional.

II – Significado associado às manifestações relacionais entre os falantes, vinculado à metafunção interpessoal.

III – Significado associado à estruturação do conteúdo da mensagem, vinculado à metafunção textual.

A seguir, são apresentadas as metafunções da linguagem, relacionadas às três variáveis anteriormente apresentadas: campo (atividade social envolvida), relações (natureza da conexão entre os participantes) e modo (forma de transmissão da mensagem).

## **2.1 As metafunções da linguagem**

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, a questão gramatical vai além da estrutura, compreendendo questões linguísticas e sociais. Essas questões são representadas pelas metafunções. Suas estruturas moldam os aspectos linguísticos e textuais, na concepção funcional.

Às funções da linguagem, atrelam-se os significados experiencial, interpessoal e textual, anteriormente apresentados. Eles atuam no significado das sentenças e, de acordo com Thompson (2014, p. 30), são revelados pelas escolhas linguísticas feitas pelo falante.

As funções mais genéricas da linguagem podem ser associadas a três grupos específicos: as metafunções. A saber, a ideacional (relacionada ao mundo), a interpessoal (relacionada às pessoas) e a textual (relacionada à estrutura e ao conteúdo).

Para cada metafunção, há uma organização linguística característica, a qual gera um caminho de significado relacionado ao texto e à língua. Portanto,

ao se selecionar cada metafunção, criam-se três tipos de funções associadas às sentenças. Em síntese, as metafunções assim se organizam:

- metafunção ideacional, associada à atividade social (campo) e ao sistema de transitividade (explicado a seguir);
- metafunção interpessoal, associada às interações entre os falantes (relação) e ao modo e modalidade;
- metafunção textual, associada à organização linguística (modo) e ao plano de fundo da oração (chamado de Tema).

Na **metafunção ideacional**, a língua representa o mundo. As ideias são interpretadas através do sistema de transitividade. Esse sistema, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011), serve para “expressar uma gama particular de significados ideacionais e cognitivos” (p. 68). A transitividade, segundo a LSF, possibilita identificar ações dos seres humanos bem como realidades representadas. O sistema toma a oração e seus participantes, processos e circunstâncias (em termos tradicionais substantivos, verbos e advérbios) (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011). Assim, ações e estados (processos), agentes e afetados (participantes), tempo/modo/lugar e outras ideias (circunstâncias) fazem parte do sistema. A título de simplificação, o sistema de transitividade pode assim ser entendido:

- **processo**: instanciação das ações;
- **participantes**: desencadeadores do processo ou afetados por ele;
- **circunstâncias**: eventos modificadores do processo.

A metafunção ideacional pode ser percebida no exemplo (1), retirado do corpus de Ciências Biológicas (CB):

(1) Entretanto, para esse estuário se recomenda estudos<sup>3</sup> *posteriores específicos que permitam a criação de uma fórmula para calcular o IET do amônio (nitrogênio amoniacal) ou o IET do nitrogênio dissolvido total (IET NDT) (soma do amônio, nitrito e nitrato)*, pois as análises desses fitonutrientes

---

<sup>3</sup> A amostra é uma das ocorrências em que verbo e sujeito não estabelecem concordância.

são rotineiras nesse estuário e os dados muito freqüentes na bibliografia local. (Trecho retirado da área de CB)

Em (1), o processo verbal<sup>4</sup> *recomendar* não seleciona participante do tipo Agente/ Dizente da ação, mas apresenta o participante afetado (toda a estrutura encabeçada por *estudos*). A circunstância é expressa pelo evento anterior ao processo, *para esse estuário*. Note-se que há outros processos e participantes no exemplo em questão, como *permitam*, que seleciona o Agente *estudos posteriores específicos* e o participante *a criação de uma fórmula para calcular o IET do amônio (nitrogênio amoniacal) ou o IET do nitrogênio dissolvido total (IET NDT) (soma do amônio, nitrito e nitrato)*.

A **metafunção interpessoal** está associada à relação entre os atores envolvidos e as posições hierárquicas ou solidárias estabelecidas na comunicação, pautadas no sistema de modo e modalidade (apresentação de enunciados de forma assertiva, interrogativa ou injuntiva, por exemplo). Assim, autor/falante e leitor/ouvinte assumem papéis sociais no processo interativo. A metafunção interpessoal é assim chamada por ser interativa e pessoal simultaneamente (THOMPSON, 2014, p. 29-30). A interação é marcada por meio da seleção linguística, como no exemplo (2), em que o autor emprega a primeira pessoa do plural com o intuito de criar uma aproximação com o leitor:

- (2) Em outras palavras, **podemos**<sup>5</sup> entender a arena como produto de um processo histórico de negociações e estratégias, conflitos e cooperação, entre diversos atores em disputa pelo acesso e controle dos recursos naturais. (Trecho retirado da área de CB)

Por fim, a metafunção textual diz respeito à organização textual ao contexto. Isso se dá por meio da seleção linguística feita pelo falante com o intuito de manter a progressão de informação no texto. Aqui, a informação já conhecida é nomeada de tema, enquanto a informação nova é chamada de rema<sup>6</sup>. No exemplo (3), essas relações são mais bem percebidas. A informação nova, rema, está sublinhada; e a informação já conhecida, tema, em negrito:

<sup>4</sup> A seguir, serão explicados os tipos de processo.

<sup>5</sup> A título de ilustração. Na amostra, não há ocorrência do SE, objeto desse estudo.

<sup>6</sup> Tema e rema não serão conceitos empregados para a análise. Foram apresentados apenas para detalhar a metafunção textual e seus aspectos.

- (3) Além disso, foi estabelecido o intervalo de referência das concentrações médias de MDA para o método, a partir das análises de amostras de **indivíduos adultos saudáveis**, de  $3,31 \mu\text{M} \pm 0,38$  ( $n=38$ ), dentre este grupo considera-se os valores para mulheres de  $3,24 \pm 0,34$  ( $n=27$ ) e  $3,47 \pm 0,44$  para homens ( $n=11$ ). (Trecho retirado da área de CB)

No que tange às metafunções, deve-se considerar que elas são indissociáveis, ocorrendo ao mesmo tempo no contexto comunicativo, ainda que aqui tenham sido vistas separadamente. Nessa pesquisa, serão analisadas as três metafunções, com destaque para a ideacional e a interpessoal, apresentadas com maior profundidade a seguir.

## 2.2 Metafunção ideacional

Relacionada à vivência do falante e associada a comentários que se fazem sobre o mundo, a metafunção ideacional é composta por dois elementos: o experiencial e o lógico (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 310), podendo ser entendidos como conteúdo/ideias e suas relações, respectivamente. Essas experiências se concretizam por meio da transitividade, como já abordado. É essa transitividade a responsável por dar visão aos significados e por distinguir as ações executadas pelos seres humanos apresentadas no discurso (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 68).

Diferentemente da GT, que entende transitividade como aspecto apenas do verbo, para a LSF, esse sistema é próprio da oração. Para Halliday e Matthiessen (2004), o processo é central para a transitividade, a qual também seleciona participantes e circunstâncias. Como exemplo desse aspecto, em (4) há uma amostra retirada da área de Ciências Biológicas. O processo está em **negrito**; o participante, em *itálico*; e a circunstância, sublinhada:

- (4) Durante um ano **acompanhou-se**<sup>7</sup> *as características morfológicas do pelame de 22 vacas mestiças Holandesas x Gir, de composição  $\frac{1}{2}$  e  $\frac{3}{4}$  de Holandês.* (Trecho retirado da área de CB)

---

<sup>7</sup> Para alguns autores, como será visto, o SE assume a função de sujeito que, para a LSF, é um participante do processo. Contudo, optou-se por destacar apenas os participantes representados por nomes, evitando-se, por ora, a polêmica sobre a função do SE.

Como é possível perceber, quando o SE acompanha o verbo, o participante do tipo Agente é omitido. Esta discussão será apresentada, de forma mais concreta, adiante. Sobre a transitividade da oração em destaque, nota-se a presença da circunstância (grifada), expressando ideia temporal. Além disso, há o participante que ocorre logo após o processo material (classificação explicada a seguir) *acompanhar*.

Dentro da metafunção ideacional, os processos são classificados como materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais. Estes processos são nucleares para o significado das orações e envolvem ao menos um participante. Geralmente, as circunstâncias são opcionais; porém, influenciam, por exemplo, na realização dos processos, como em (5), em que as circunstâncias, ambas sublinhadas, estabelecem, respectivamente, ideias de condição e consequência:

- (5) Considerando que a acetonitrila e o metanol são solventes voláteis e possuem valores de pH muito próximos, e sendo o tampão aquoso menos volátil que os outros solventes, com valor de pH ajustado entre 5,95 e 6,05, que é diferente dos solventes orgânicos, testou-se fases móveis nos quais a proporção do tampão foi modificada, com conseqüentes alterações nos dois solventes. (Trecho retirado da área de CB)

Na seção seguinte, são apresentados os tipos de processos, com base na LSF. Para exemplificar os processos, foram apresentados recortes do corpus em análise (com exceção de um exemplo, retirado de outros autores).

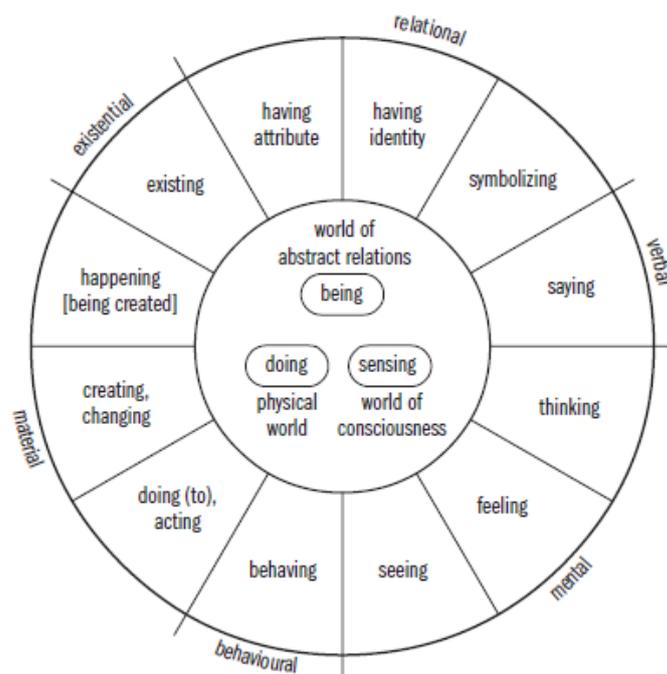
### 2.2.1 Os tipos de processo

Além das metafunções, esta dissertação abordará o uso do SE vinculado a verbos. Nos conceitos da LSF, verbos são processos que podem representar vários eventos. Na concepção hallidiana, as sentenças expressam sentido em três camadas metafuncionais: textual, interpessoal e experiencial, anteriormente apresentadas. Esta última relaciona-se aos processos. Para Halliday (2004), a experiência corresponde a um conjunto de acontecimentos (p. 170). A junção dos conjuntos forma uma figura, a qual envolve circunstâncias como tempo, espaço, maneira; e os participantes entrelaçados ao processo.

Nesta teoria, as orações, além de terem funções como demandar ou oferecer algo, também atuam como organizadoras de eventos. Como visto, a esse sistema complexo, Halliday (1967/8; apud Halliday & Matthiessen, 2004) dá o nome de TRANSITIVIDADE. Tal sistema concebe o mundo pautando-o em tipos de processos. Os processos estão relacionados a experiências internas e externas, isto é, aos eventos que ocorrem “dentro” do falante e aos que ocorrem no próprio mundo.

Os eventos externos são aqueles feitos por pessoas, enquanto os internos compreendem os reflexos/ reações ao mundo real. Especificando-se os tipos de processos, tem-se a seguinte divisão: **material**, **mental** e **relacional**. Este último delimita os sentidos de classificação e identificação (Halliday & Matthiessen, 2004). Entretanto, a separação dos processos não é algo tão claro. Por isso, em alguns momentos, um processo tangencia o outro. Assim, dessa zona mais opaca surgem outros processos: **comportamental** (entre o material e o mental), **verbal** (entre o mental e o relacional) e **existencial** (entre o relacional e o material). A Figura 1 representa cada processo e suas especificações.

**Figura 1:** A gramática da experiência, tipos de processo em Inglês (Halliday & Matthiessen, 2004).<sup>8</sup>



Os processos, assim, em relação ao que é interno e externo ao falante, são classificados como:

- **material:** gera uma mudança no mundo, algo é criado externamente ao falante (processo de *fazer, construir*); alguma coisa, a Meta, tem seu estado alterado por um Ator, realizador da ação (pode estar implícito ou explícito). No exemplo (6), o processo material é *transformar*. A Meta está em itálico e o Ator está implícito.

(6) (...) *a conservação da biodiversidade transformou-se* em um dos eixos centrais da questão ambiental (...). (Trecho retirado da área de CB)

- **mental:** tem-se uma emoção, reação a algo do mundo (processo de *perceber, sentir, experienciar*); é uma percepção ou um desejo. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 208), o grupo subdivide-se em

<sup>8</sup> Embora os processos estejam relacionados à língua inglesa, também podem ser usados para o PB Inclusive Camacho (2013), citado nesta pesquisa, emprega como referencial de análise para o português a gramática hallidiana.

processos mentais cognitivos (*saber*), desiderativos (*desejar*), perceptivos (*ver/ouvir*) e emotivos (*sentir*) (MIRANDA, 2016). Tais processos necessitam de um Experienciador, com aspecto ativo, e de um Fenômeno. Em (7), há um exemplo de processo mental cognitivo, em negrito, e de um Fenômeno, em itálico. Nota-se a omissão do Experienciador:

(7) Assim, **reconheceu-se** *a presença de grupos humanos (...)*.  
(Trecho retirado da área de CB)

- **relacional**: há uma conceituação de algo, uma atribuição de características (processos de *ser algo, parecer*); dois objetos são aproximados em relação aos seus significados. Halliday e Matthiessen (2004, p. 215) subcategorizam esse processo em intensivo (*ser*), possessivo (*pertencer*) e circunstancial (*estar*). Os seus participantes são chamados de Portador e Atributo, quando não pode haver alteração na ordem dos participantes. Se houver possibilidade de mudança da ordem, sem alteração de significado, os participantes são nomeados de Valor e Característica. No exemplo (8), o processo relacional é *caracterizar*. Há um caso de Portador (*O setor pesqueiro*) e Atributo (*por ser exclusivamente artesanal*), ambos sublinhados.

(8) O setor pesqueiro **caracteriza-se** por ser exclusivamente artesanal (...). (Trecho retirado da área de CB)

- **comportamental**: ocorre a projeção de um sentimento, de uma emoção (processo de *expressar*); seus participantes são Comportante e Comportamento (complementar ao processo). Este tipo de processo apresenta características não muito concretas, sendo de difícil identificação. Miranda (2016), usando o mesmo corpus de Ciências Biológicas base deste estudo, observou que processos comportamentais não são frequentes. Seguindo do SE, nenhum processo como este foi encontrado. Portanto, o exemplo que se apresenta em (9) é retirado de Halliday e Matthiessen (2004). Nele, o Comportante do processo *rir* é *pessoas*:

(9) “pessoas estão **rindo**”<sup>9</sup>.

- **verbal**: representa a concretização de um pensamento (processo de *dizer*); é uma ação comunicativa, representa uma ação contínua – originada na mente e expressa na língua. Nesse processo, há quatro participantes: Dizente [+ humano], Receptor (a quem se dirige), Alvo (de quem se fala) e Verbiagem (mensagem). Em (10), o processo é *discutir*. O Dizente está implícito, não há um Alvo e a Verbiagem está sublinhada:

(10) (...) **discutiu-se** o desenvolvimento de um projeto (...). (Trecho retirado da área de CB)

- **existencial**: expressa a relação de existência (processos de *haver*). Há apenas um participante, o Existente. O processo pode vir seguido de circunstâncias, como é o caso de (11). O participante está em itálico.:

(11) O setor pesqueiro caracteriza-se por ser exclusivamente artesanal, não **existe**<sup>10</sup> *atividade industrial tampouco aquicultura*. (Trecho retirado da área de CB)

Como é possível perceber, os tipos de processos são vários. Adiante será visto que, para o corpus selecionado, há processos mais frequentes, inclusive relacionados ao gênero artigo científico. A seguir, apresenta-se a segunda metafunção a ser focalizada neste estudo: a interpessoal.

## 2.4 Metafunção interpessoal

Como dito, a metafunção interpessoal dá conta da relação entre autor e leitor. Logo, é ela que permite a análise do posicionamento do produtor frente à mensagem e ao seu público-alvo. De caráter dialógico, essa metafunção aborda a natureza dos papéis assumidos pelos interlocutores e as características da mensagem intercambiada (VIVAN, 2010).

Seguindo a LSF, a metafunção interpessoal lida basicamente com as relações humanas. Por meio das escolhas linguísticas, o falante estabelece

<sup>9</sup> “People are laughing”. Retirado de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 171.

<sup>10</sup> A título de exemplificação. Não há, no corpus, casos do SE com processo existencial.

uma relação com o outro, seja de intimidade ou afastamento, seja de solidariedade ou de hierarquia. De acordo com Halliday (1994: 68), a posição do ouvinte é complementar à do falante. Tudo isso é expresso empregando-se o sistema de Modo e Modalidade. O Modo atrela-se às relações entre os interlocutores e a Modalidade diz respeito aos objetivos dos participantes da comunicação.

Para Halliday (1994), há uma relação direta entre a posição social do falante em determinado contexto e o uso que é feito da língua. A linguagem é ferramenta empregada para se fazer coisas, como convencer alguém. Assim, usuário e língua, juntos, estabelecem relação com o receptor da informação, marcando o *status* social de todos os envolvidos no processo comunicativo.

A metafunção interpessoal, juntamente com a ideacional, será empregada nas discussões sobre o uso do SE no texto acadêmico. Entretanto, antes das análises, é necessário entender os objetos de estudo dessa pesquisa. De início, apresenta-se o conceito de gênero abordado aqui, parte essencial da comunicação, pois é responsável por carregar a informação. Por isso, a seguir, a concepção de gênero usada nesta dissertação será apresentada. Nas seções seguintes, a voz média e o SE entram em foco a fim de clarear a análise a ser feita em sequência.

### **3 GÊNERO ACADÊMICO**

O conceito de gênero tem sido amplamente discutido por pesquisadores. Para Halliday (2004), essa noção está relacionada à ideia de forma e uso. Para o autor, a estrutura textual surge a partir do emprego da língua. Assim, gêneros existem porque há a necessidade de comunicação. É ela que gera o texto específico. Para isso, deve-se considerar tanto o contexto de produção quanto a intenção comunicativa.

Pautando-se na LSF, Ruqayia Hasan (1989) considera que um gênero apresenta partes padronizadas e variáveis. Há muitos autores, os quais apresentam suas próprias concepções de gênero (Bronckart, Adam, Bakhtin, Marcuschi, Maingueneau, entre outros). Hasan (1989) não aborda a noção de

gênero discursivo, diferentemente dos estudos de base sistêmica. Antes, aborda a instrumentalização da concepção de gênero.

Partindo dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), Hasan (1989) concebe o texto como um produto formado por meio da influência do contexto. Para a pesquisadora, alguns registros apresentam estruturas previsíveis. Assim, o foco da teoria é a relação texto-contexto, não a relação gênero-contexto, como vista em outras teorias de gênero.

Dessa forma, nos moldes da LSF, o estudo da língua se relaciona aos textos, não aos gêneros. O gênero, aqui, é visto com um potencial realizador do texto em um contexto comunicativo. Texto e contexto estão profundamente relacionados e não podem ser concretizados sozinhos. Sobre o primeiro, Halliday e Hasan (1976, apud HASAN, 2005, p. 66) o definem como “unidade de significado” pertencente a um registro. Em relação ao contexto, a Linguística Sistêmico-Funcional o define como sendo composto pela situação (registro) ou pela cultura (gênero).

O contexto de situação ou registro compreende três variáveis anteriormente explicadas: **campo, relação e modo**. Já o contexto de cultura ou de gênero compreende os sentidos acessíveis na comunidade. São as maneiras de fazer, de dizer e de ser (HASAN, 1989).

Ainda dentro do conceito de gênero, Martin (2002) aponta para o fato de estágios e direcionamento social. Assim, gêneros permitem que assuntos da sociedade ganhem concretude ao serem realizados em formas bem delimitadas. Nesse sentido, para Paltridge (2014), não entender a função social dos gêneros acarreta a ideia de que textos devem seguir formalidades em vez de serem caminhos para alcançar objetivos no mundo concreto. Assim, o conceito de gênero que se vê aqui não está relacionado apenas à estrutura. Na verdade, a função é uma questão central para a definição da ideia, já que é o objetivo comunicativo aquilo que seleciona a forma de textual, não o contrário.

A ideia do funcionalismo da língua, isto é, a visão de que a língua é ação e significado e serve para “fazer coisas” tem sido bastante reconhecida, conforme afirma Thompsom (2014). Uma das grandes questões propostas por funcionalista é justamente o caminho percorrido para que esses textos gerem significado. Ou seja: como a estrutura contribui para apresentar informação?

Para Halliday (2004, apud CARNEIRO; OLIVEIRA 2017), há três esferas importantes para se pensar a resposta para a pergunta anterior, relacionadas às anteriormente citadas metafunções da linguagem:

- a. a modalidade da língua (escrita, falada, verbal, não-verbal);
- b. a relação entre emissor/receptor (hierarquia, solidariedade);
- c. o campo ou foco do processo comunicativo (trabalho, educação).

Assim, com base na LSF hallidiana, o conceito de gênero a ser empregado será aquele relacionado ao contexto de produção: objetivos do falante, relação com o leitor e esfera discursiva. Portanto, para além de estrutura, o foco será a função. É válido lembrar que o objetivo desta dissertação não é propor uma discussão sobre gênero textual/ discursivo tampouco propor nova concepção do assunto. A teoria de gênero aqui usada apenas serve para fins didáticos, já que se pretende analisar como o SE, verdadeiro objeto de estudo, relaciona-se ao artigo científico e às suas partes (introdução, metodologia, desenvolvimento, considerações finais etc.). Logo, para facilitar o entendimento sobre o uso do SE e a intenção do falante ao empregá-lo, a teoria hallidiana de gênero será bem útil para este estudo. Na seção seguinte, tais ideias bem como as metafunções da linguagem serão aplicadas ao gênero artigo científico. A seguir, de forma mais específica, portanto, apresenta-se o entendimento do gênero artigo acadêmico sob o olhar da LSF.

### **3.1 O gênero artigo científico**

Conforme apresentado anteriormente, a noção de gênero aqui abordada será aquela da Linguística Sistêmico-Funcional, a qual entende a produção de enunciados linguísticos pautados nas três metafunções da linguagem:

1. ideacional: refere-se à abordagem de assuntos do mundo externo e interno; atrelada ao campo.
2. interpessoal: refere-se à interação entre os participantes; atrelada ao teor do discurso.
3. textual: refere-se à organização textual; atrelada ao modo.

Assim, aplicando as metafunções e suas variáveis ao artigo científico, afirma-se que:

a. Em relação a modalidade da língua, o texto acadêmico, escrito, segue a estrutura da língua formal, monitorada e condizente com as regras gramaticais. Contudo, como visto, há estruturas informais que perpassam os textos. Segundo Hyland e Jiang (2017), informalidade e formalidade não são termos opostos, mas contínuos. Assim, o que se nota é um afastamento gradual do artigo científico do polo formal para o informal, principalmente no que concerne ao uso do SE indeterminador.

b. O relacionamento interpessoal entre escritor e leitor é pautado na solidariedade. Nos textos que compõem o corpus, não há submissão de um ao outro, visto que o artigo acadêmico é escrito por pesquisadores da área para outros pesquisadores da área, ou pelo menos para um público-alvo pertencente à área (alunos de graduação, por exemplo). Embora possa haver distinção do grau de formação, o que se defende é que não há leigos previstos como leitores primeiros do material. Portanto, há uma relação nivelada entre os participantes do processo comunicativo. Relação esta que é mantida pela neutralidade do discurso, afinal, se o autor marca sua presença no texto, ele ou ela já estabelece uma mudança na relação com o leitor, uma vez que declara ser o detentor ou a detentora daquele conhecimento.

c. A organização do texto se pauta em alguns processos básicos, como material, mental e verbal. Em seu trabalho, Miranda (2016) analisou os tipos de processos mais frequentes nos artigos acadêmicos. Processos de fazer, de criar (materiais) são frequentes para marcar ações referentes à coleta de dados. Já os processos de ver, de perceber (mentais) marcam a apresentação de resultados, aspecto comum de textos acadêmicos, os quais apresentam seção de discussão e análise de resultados. Já os processos de dizer (verbais) são mais comuns para a apresentação de teorias, como referencial teórico.

Sobre a metafunção textual, o uso dá língua, no artigo acadêmico, parece estar associado à alta necessidade de monitoramento linguístico, uma vez que o texto em construção deve ser impessoal e objetivo.

Nesse sentido, nota-se que o artigo científico é um gênero delimitado por suas funções: informar; apresentar conhecimento; focar em ações e não em agentes. Vê-se, pois, a relevância em aplicar estratégias que exerçam tal papel na escrita, como o SE indeterminador. Na seção seguinte, outra estratégia que confere objetividade ao texto dissertativo será apresentada. Trata-se do conceito de voz média, nos moldes de Camacho (2003).

#### 4 VOZ MÉDIA

A categoria de voz, de acordo com Brown & Miller (2016, p. 243), está relacionada a diferentes formas de se perceber um acontecimento ou de apresentá-lo. Assim, é possível mencionar quem sofreu uma ação ou quem a realizou. Por exemplo, em construções passivas, o interesse é apresentar o paciente e omitir o agente. Há outro tipo de construção, para além das tradicionais vozes ativa e passiva: a voz média.

Brown & Miller (2016), analisando o inglês, postulam a voz média como mais uma estrutura em relação à percepção de eventos. Para os autores, “a voz média típica indica situação habituais ou genéricas devido a alguma propriedade permanente de algum participante” (tradução nossa) (p. 232). Basicamente, médias permitem verbos no presente simples e advérbios de modo. A seguir, são apresentados exemplos dos próprios pesquisadores:

- a. Esse suéter lava bem.
- b. Meus filhos fotografam bem.<sup>11</sup>

Os autores defendem que não se pode associar a voz passiva à voz média, do inglês. As médias são estruturadas com verbos ativos com apenas um participante, participante este que não vem a ser nem agente nem paciente. No caso do exemplo (b), discutem Brown & Miller (2016), as crianças não possuem

---

<sup>11</sup> a. This sweater washes well.  
b. My children photograph well.

a habilidade de tirar boas fotos, antes elas são fotogênicas (p. 232). As orações passivas, por sua vez, podem apresentar um participante para o sujeito e um segundo participante indicando o agente (geralmente, iniciado pela preposição *por*). Além disso, médias não necessitam de verbo auxiliar, o que não é visto com passivas (no português, trata-se da voz passiva analítica, formada por verbo auxiliar seguido de forma nominal do particípio).

O nome média, de acordo com Brown & Miller (2016), deve-se ao fato de a estrutura em questão não ser ativa nem passiva; na verdade, a oração está no meio dessas duas concepções. Contudo, para a presença do sujeito, o que alguns autores adotam como solução é nomeá-lo *neutro*. Como não se trata de agente ou paciente, o SN vinculado ao SV apenas é o controlador do processo.

De acordo com Camacho (2003), o conceito de voz média está relacionado, principalmente, às línguas ergativas, as quais apresentam alinhamento entre sujeito de verbos transitivos e objetos. Nessas línguas, os argumentos verbais podem ter suas relações gramaticais comutadas, gerando estruturas em que o sujeito gramatical também é o beneficiário da ideia expressa pelo verbo (CAMACHO, 2003).

Kemmer (1994) enumera 10 situações mediais:

1. Cuidados corporais: lavar-se;
2. Movimento não-translacional: virar-se;
3. Mudança na postura corporal: deitar-se;
4. Movimento translacional: ir-se;
5. Eventos naturalmente recíprocos: abraçar-se;
6. Médias de emoção: irritar-se;
7. Discurso emotivo: queixar-se;
8. Média de cognição: lembrar-se (alternativa);
9. Eventos espontâneos: originar-se (alternativa);
10. Média indireta: sem alternativa para o português.

Segundo Klaiman (1988, apud CAMACHO, 2003, p. 92), ao sujeito da oração cabem apenas dois “*status*”: “iniciador/controlador” ou “entidade afetada” (p. 92). Tal *status* é indicado pela morfologia verbal e, seguindo a nomenclatura

de Klaiman (1988), as alternativas são chamadas de “diátese”; enquanto o conjunto é chamado de “voz” (KLAIMAN, 1988, apud CAMACHO, 2003, p. 92).

Partindo de estudos como o de Klaiman (1988), Camacho (2003) defende que a categoria de voz, assim como em diversas línguas modernas, também se faz presente no português. Em sua proposta, construções ativas em que o sujeito não é afetado configuram diátese ativa. Já as construções ativas nas quais o sujeito é afetado recebem nome de diátese média.

Para Camacho (2003), a distinção entre diátese ativa e média, no português, dá-se pela presença do clítico SE. Em seu trabalho, o pesquisador retoma a subdivisão da voz média, feita por Câmara Jr. (1972). O autor considera que há três tipos de voz média, ou medial: recíproca, reflexiva e dinâmica. Nas duas primeiras, a construção sem pronome e com objeto autônomo não muda o significado do verbo (forma ativa). Na média dinâmica, a expressão do sujeito reaparece no predicado sob a forma do clítico; o evento parte do sujeito, mas não sai de seu âmbito (ex.: Eu me levantei). Sem o clítico e com objeto, a construção dinâmica muda seu sentido (ex.: Eu o levantei). Camacho (2003) se pauta nessas construções para tecer a noção da voz média segundo sua perspectiva.

Com potencial de ambiguidade por terem estruturas semelhantes, as três construções podem, mesmo assim, serem divididas em duas categorias: recíproco-reflexivas e médias. As médias são identificáveis, pois não admitem a supressão nem a substituição do clítico SE, apresentando risco de mudança de sentido. Além disso, não podem vir seguidas do Sprep *a si mesmo*, o que é possível em construções recíproco-reflexivas:

Ex.: Ele se foi. > média.

Ele foi (à cidade). > mudança de sentido.

\* Ele se foi a si mesmo. > estrutura impossível.

Nas construções reflexivo-recíprocas, o clítico é anafórico e correfencial ao sujeito; na média, é apenas anafórico. Ainda, o pronome reflexivo é uma espécie de afixo pronominal. Para Benveniste (1976), sujeito centro e ator do evento (diátese interna) é condição para a construção média. Nessa estrutura, o sujeito é desencadeador do evento e *locus* de seus efeitos (Iniciador = Ponto de chegada). Nas reflexivo-recíprocas, também há convergência de papéis.

Contudo, há diferenciação conceitual da entidade referencial em duas subpartes discretas.

Ainda no PB, Bacelar do Nascimento e Martins (s/d) propõem como hipótese para o português contemporâneo cinco subclasses de predicados mediais:

1. verbos que só admitem a construção média: queixar-se;
2. verbos que admitem o SE e a resultativa com ESTAR: ressentir-se/ estar ressentido;
3. verbos que são diferentes itens lexicais: comportar/ comportar-se;
4. verbos de dupla sintaxe, mas mesma semântica: rir/ rir-se;
5. verbos com homonímia sintática (oposição à voz passiva e construção média, pronominal): apagar-se.

Portanto, o estudo sobre a voz média do português, proposto por Camacho (2003), é interessante, uma vez que apresenta uma outra possibilidade de marcação de impessoalidade. Por representar eventos nos quais o sujeito gramatical é provocador e receptor de uma ação, a construção média tem grande potencial de uso para a impessoalização, ao afastar o agente externo. Assim, pretende-se usar o estudo de Camacho (2003) como base para a análise das estruturas nos artigos científicos do corpus.

Tendo como base o conceito da voz média para a perspectiva da LSF principalmente em Halliday (1985 e 1994), essa forma encerra estruturas que representam eventos espontâneos, ocorridos como que sem a participação de uma Agente. Nessas construções, há apenas a presença de um Processo e de um Meio, o único participante, pelo qual o evento se desenvolve. Assim, o processo é representado como auto-causado (*selfcaused*). Entretanto, como afirmam Halliday & Matthiessen (2004), semanticamente, sempre há uma causa externa responsável pelo desencadeamento de uma ação.

Morais (2013), em artigo, expõe que processos podem ser iniciados por si mesmos ou podem ter sido provocados. Tal perspectiva é nomeada ergatividade. Assim, em relação à transitividade, existem duas estruturas: o modelo transitivo e o ergativo. Discute-se, ainda, que os sistemas transitivos das línguas seriam uma mescla dos dois modelos.

Em relação ao significado, o modelo ergativo se pauta na “causação” (*causation*). Com base em Halliday (1985:147), o processo se mostra como causado por si só ou ativado por uma entidade exterior. A marcação dessa relação se dá pelo uso do clítico SE. Para a ergatividade, o que há de variável na estrutura sintática e a participação ou não de um Agente. Quando o Agente não é exposto e há um evento auto-causado (*self-caused processo*) há voz média.

Portanto, com base em Camacho (2003) e reforçado pela LSF, o conceito de voz média é relevante para a análise aqui proposta. Na próxima seção, para além da voz média, haverá a apresentação dos outros usos do SE, com destaque para dois que serão centrais para a discussão dos resultados: apassivador e indeterminador.

## 5 ESTUDOS DA PARTÍCULA SE

Quando a língua é o centro da discussão, sabe-se que há uma considerável diferença entre o que a Gramática Tradicional prescreve e o que o falante usa. Também, as normas da GT, em muitos casos, nem mesmo se aproximam daquilo que falantes conhecedores das regras da língua empregam. Exemplo dessa discrepância pode ser visto nos dados que serão apresentados nesse estudo: embora a GT prescreva a concordância verbal em vozes passivas sintéticas (VPS), as amostras revelam um uso do falante que foge à essa prescrição. Muitos autores têm abordado os motivos que levam o usuário da língua a romper com a norma gramatical, principalmente no que concerne à visão do SE na VPS.

Neste trabalho, um dos questionamentos levantados tange a incongruência entre regra e uso: embora a GT reconheça a VPS na qual sujeito e verbo devem concordar; para os usuários da língua, essas estruturas têm adquirido, cada vez mais, a forma de vozes ativas com verbo e objetivo, dispensando a concordância.

Para a tradição gramatical, a VPS ocorre com verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Ela se diferiria da construção com sujeito indeterminado, pois este ocorre com verbos transitivos indiretos ou intransitivos. Numa visão diacrônica, segundo alguns gramáticos, vindo do latim, o SE não

atuava como sujeito. Portanto, na VPS, o verbo deve concordar com o sujeito que, na voz ativa, exerce a função de complemento verbal do tipo objeto.

A visão dos próprios gramáticos sobre o SE é controvertida. Bechara (1999) defende a concordância do verbo com o sujeito paciente. Porém, este mesmo autor aponta que alguns escritores possam não seguir a concordância prevista (p. 563). Com um olhar mais atual, Perini (2000) argumenta que o uso de verbo e sujeito plurais se deve a uma imposição da escola. Para o linguista, as duas formas, com e sem concordância, devem ser consideradas; afinal, trata-se de um uso recorrente na língua. Dizer que a ausência de concordância não ocorre é omitir um fato linguístico e negar uma forma que, para o falante, parece ser aceitável.

Em oposição à visão menos tradicional, um gramático extremamente avesso ao emprego da passiva sem concordância é Napoleão Mendes de Almeida (1992). Para o autor, frases como *Aluga-se casas* correspondem a *Casas é alugada*, o que configura erro (p.1992). Nesse olhar, é proposto que a VPS corresponde à voz passiva analítica (VPA). Contudo, deve-se considerar que estruturas diferentes servem a usos diferentes. Caso contrário, não haveria motivo para a existência de duas formas que, na perspectiva de Almeida (1992), são sinônimas. Enquanto a VPS omite o agente, na sintaxe da VPA é possível a presença de um participante preposicionado que atua como o controlador da ação: *Casas são alugadas por alguém*.

Sobre a distinção verbo transitivo direto e verbos transitivos indiretos/intransitivos, Amorim (2011) questiona o que faria com que as análises para cada um fossem diferentes. Analisando a GT, a autora aponta dois aspectos básicos: tradicionalmente, o SE não pode ser sujeito nem pode haver sujeito preposicionado. O primeiro ponto encontra explicação no latim. Como dito, o SE não funcionava como sujeito, pois só ocorria como objeto, no caso acusativo. Entretanto, as mesmas gramáticas tradicionais, ao abordarem o sujeito indeterminado, apontam o SE como índice de indeterminação do sujeito. Em frases com verbo transitivo indireto, o argumento verbal não pode ser sujeito, recaindo essa função sobre o SE. Assim, o que se vê, para Amorim (2011), é uma arbitrariedade nas regras, que funcionam diferentemente em cada contexto. Bagno (2001), apresenta análise semelhante. O SE indeterminador é analisado sob viés semântico, enquanto o SE apassivador é justificado pela sintaxe e por

sua origem no latim. Portanto, não há consenso na explicação de cada fenômeno, o que indica uma necessidade de análise que englobe apenas uma explicação sobre o SE.

Se apenas o critério semântico fosse selecionado, acredita Bagno (2001) que, para os verbos transitivos diretos, *ver-se-ia* somente a necessidade de um sujeito com traços humanos e um objeto do verbo. Exatamente por causa dessa possibilidade é que o falante entende estruturas sintéticas como compostas por verbos e seus objetos, não sujeitos.

Para Scherre (2005), as formas sem marcação plural não são analisadas como negativas, ou seja, rechaçadas ou agramaticais, uma vez que, para o usuário da língua, o participante pós-verbal em estruturas com o SE é analisado como objeto. De acordo com Bagno (2007), esse fenômeno se configura como “pseudopassivas sintéticas”, já que o falante só reconhece como passiva as formas com locuções verbais, isto é, perifrásticas.

Amorim (2011) defende que formas não mais consagradas, as quais o falante não mais utiliza, não podem continuar sendo impostas como corretas. Essas estruturas já não mais condizem com a interpretação do usuário. Assim, prescrevê-las seria reforçar algo em desuso, que já perdeu seu valor.

Em relação aos estudos sobre SE, podem ser citados Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000) e Camacho (2002, 2003), os quais analisaram as ocorrências do clítico na oralidade. Suñer (2002) tem trabalhos sobre o SE do espanhol; já Cinque (1988) e Ruwet (1972) estudaram, respectivamente, as ocorrências do italiano e do francês. Entretanto, esses estudos não tiveram por objetivo investigar as possibilidades de impessoalização por meio do SE.

Nunes (1991), assim como Monteiro (1994), constata o que Naro (1976) observa: o SE passivo precede o SE indeterminador, que é relativamente recente. Nunes (1991) compara o PB ao Português Europeu (PE) ao observar que em relação às construções com verbos transitivos, o PE falado praticamente se mantém estável em relação à variação provocada pelo surgimento do SE indeterminador, tendo, assim, no PE moderno, uma preferência pela construção com o *se* apassivador, diferentemente do PB, que se distingue por oposição a essa tendência.

Vasconcelos (2013), em seu trabalho, apresenta um panorama de autores que abordam o uso do clítico SE, dentro da norma gramatical e da variação

linguística. A autora cita as pesquisas dos brasileiros Souza (1999) e Ribeiro (2010). Para o português europeu (PE), há os escritos de Sílvia Ribeiro (2011) e Fonseca (2010).

Segundo Zwicky (1977:1) (apud VASCONCELOS, 2013), um clítico é um elemento em posição litigiosa: está entre a classificação de palavra e de afixo. O autor reconhece três tipos de clíticos: *special clitics*, *simple clitics* e *boundwords* (clíticos especiais, clíticos simples e palavras presas – tradução nossa). O SE está incluso no grupo dos clíticos especiais, já que, para Zwicky (op. cit.), trata-se de uma forma átona que atua como uma forma tônica com significado cognitivo e aparência fonológica similares (p. 3). No português, Duarte, Matos, Gonçalves e Ribeiro (2001) apontam que os clíticos especiais ocupam uma posição não tradicional, são móveis em relação ao verbo e possuem propriedades fonológicas específicas.

Em seus trabalhos, Brito, Duarte e Matos (2003) apontam seis tipos de SE:

- 1) **Reflexivo:** é anafórico; aceita a presença de sintagmas como *a si mesmo/próprio*; é argumental.
  - Ex.: A Mariana enxugou-se (a si mesma).
- 2) **Recíproco:** estabelece relação mútua entre os participantes.
  - Ex.: Eles beijaram-se um ao outro apaixonadamente.
- 3) **Indeterminado:** há um sujeito sem referência; o verbo está na 3ª pessoa; é nominativo; ocorre como argumento de verbos transitivos diretos, indiretos e intransitivos (nos conceitos da GT); tangencia o SE passivo.
  - Ex.: Come-se bem nesse restaurante.
- 4) **Passivo:** o sujeito passivo é o Tema de um verbo transitivo direto; há redução da transitividade verbal.
  - Ex.: Cumpriram-se as metas de vendas estabelecidas.
- 5) **Anticausativo:** ocorre com verbos causativos/ não causativos.
  - Ex.: A roupa molhou-se (A chuva molhou a roupa).

**6) Inerente:** é parte integrante do verbo.

- Ex.: Ele arrependeu-se do que tinha feito.

Vasconcelos (2013) apresenta um panorama de abordagem teórica sobre o SE, segundo alguns autores. Para Ikeda (1977), no PB, o SE sempre indica indeterminação; enquanto Camacho (2002) estabelece o SE como marca das vozes passiva, impessoal, reflexiva, reflexiva-recíproca e média. Ainda, Monteiro (1994), Nunes (1991), Naro (1976) defendem que o SE passivo antecede o SE indeterminador, relativamente recente e preferência do PB. Monteiro (1994) também advoga que o SE, em sentenças como *Morre-se de fome* e *Aluga-se essa casa*, marca indeterminação; o que contrasta com a GT, a qual assumiria um SE indeterminador no primeiro caso e um apassivador no segundo. Por fim, Bagno (2000) é mais radical ao afirmar que não há SE apassivador no PB, apenas indeterminador ou reflexivo. Neste trabalho, será adotada a análise do SE impessoalizador.

Em seus estudos, Duarte (1995, 2000 *apud* DUARTE, BARBOSA & KATO, 2003), apontou que o uso do clítico SE como estratégia de indeterminação, no discurso falado, é mais recorrente em pessoas mais velhas com alto grau de instrução. Esses resultados revelam uma tendência de uso do SE que, em contextos escritos (mais formais), deveria aparecer de forma a seguir orientações tradicionais. Contudo, o que se percebe é uma mescla de usos: a partícula, tida como impessoalizadora do discurso, tem sido empregada seguindo-se estruturas que fogem às regras da gramática tradicional. A essa interseção de usos, Bagno (2000) chama de “português brasileiro de ponta”, que a tangência de todos os aspectos linguísticos compartilhados por todas as variantes da língua usada no Brasil.

Estudos (NARO, 1976) têm mostrado uma relação de derivação entre estruturas com SE apassivador e SE impessoalizador, como já mencionado. O segundo teria surgido após o primeiro, num processo de apagamento da concordância, gerando apenas uma forma cuja função é evidenciar a ausência de um agente. Desta forma, o que se observa no corpus é a concretização dessa evolução, uma vez que, para o falante, o que se apresenta são sentenças nas quais há foco em ações, não em agentes.

Ainda segundo Duarte *et ali* (2003), embora na fala não se perceba com frequência a ocorrência do SE, no contexto escrito, mais conservador, o falante parece recorrer à voz passiva. O próprio corpus aqui analisado revela esse uso; afinal, em números, o SE é a décima sexta palavra mais recorrente. Obviamente, há outros usos, como o sujeito indeterminado. Defende-se, contudo, a concepção de que tal estratégia, o emprego do SE, está atrelada à noção de formalidade. É válido lembrar que tal formalidade é desejada devido à relação interpessoal estabelecida no processo comunicativo dos artigos científicos: são pesquisadores divulgando informações para outros pesquisadores. Nessa relação de igualdade, a fim de conferir linguagem objetiva ao texto, selecionam-se estratégias com apagamento de subjetividade, como o SE.

Dobrovie-Sorin (1998), assim como Bagno (2000), defende a existência de somente dois clíticos SE: impessoalizador (compreendendo a voz passiva sem concordância e o próprio índice de indeterminação) e reflexivo (somado ao recíproco, ao passivo, ao médio e ao intrínseco). No segundo caso, o autor discute que se trata de uma forma anafórica, sendo acusativo, marcando basicamente a reflexividade.

Segundo Bagno (2007), “a língua é lugar e meio de conflito”, já que reflete a sociedade na qual os falantes se inserem. Embora *Vende-se casas* e *vendem-se casas* expressem, linguisticamente, o mesmo conteúdo, sabe-se que cada enunciado carrega algo a mais, como o nível socioeconômico, a relação com cultura letrada e a posição hierárquica ocupada pelo falante na sociedade. Para o autor, o valor da forma linguística está atrelado à condição social do falante. Assim, quanto menor a renda e/ou a escolaridade, por exemplo, menos prestígio terá a variante usada.

Para Bagno (2007:176), quando surge uma variante inovadora, se ela tem origem em usos marginalizados da língua, ou seja, aqueles feitos por falantes menos escolarizados, dificilmente a nova forma adentra o contexto das normas mais valorizadas. Somente as formas que conseguem vencer o julgamento social são englobadas pelas variantes de prestígio. Porém, mesmo nesse patamar de importância, tais variantes ainda são vistas como erro pelos mais tradicionais.

Bagno (2001) e Scherre (2005), como dito, têm apresentado discussões sobre a variação do uso da voz passiva sintética em confronto com a Gramática

Tradicional. Os autores vêm defendendo a ideia de que o SE, nessas construções, atua como indeterminador do sujeito, não como apassivador. Contudo, como visto, a GT insiste em prescrever um uso, o da concordância do verbo com o sujeito – ainda que o falante já tenha deixado de usá-lo em algumas situações, principalmente informais –, mas que também ocorre em contextos formais, como o do artigo científico.

Ikeda (1977) e Milanez (1982) seguem linha de pensamento similar à de Bagno (2001): no PB, o SE sempre configura indeterminação, ainda que o verbo seja transitivo direto, indireto ou intransitivo. Bagno (2000) acredita que o SE assume função de sujeito indeterminado, prescindindo da concordância e opondo-se à função no latim, a de objeto. A análise é válida quando se considera que sujeito e agente não são a mesma coisa.

Martins (2010: p. 117) acredita que referir-se ao SE como partícula é apenas uma forma de não dizer o que ele é. É verdade que o SE, em relação à Gramática Tradicional, recebe muitos nomes: conjunção integrante, conjunção condicional, partícula apassivadora, pronome reflexivo e índice de indeterminação do sujeito. Maciel (1922) defendia que a passiva com o SE só poderia acontecer em um contexto específico: o sujeito ou deve ser [- humano], a fim de não exercer a ação do verbo; ou, caso seja [+ humano], não exerça a ação do verbo.

Autores, como Cunha (1972) e Bechara (1992) reconhecem o uso da passiva com o SE, orientados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959). Bechara (2001), porém, revê a própria análise, afirmando que a passiva passa a ser vista como impessoal pelo falante, que evite realizar a concordância verbal. Mais à frente, considera que ambas as formas, com e sem concordância, estão certas. Cunha (1972), por sua vez, considera que o uso da passiva com a “correta” concordância ocorre na linguagem “cuidada” (p. 305), deixando subentender que no uso informal não há relação entre verbo e sujeito.

Outro gramático a defender o uso inovador, isto é, que considera o sujeito como objeto, é Celso Luft (1986). Assim como Perini (2000), para o autor, a concordância ocorre por mera imposição da gramática. Para Luft, o SE termina por assumir a função de sujeito indefinido, como em *Aqui se trabalha* e *Aqui a gente trabalha*.

Na mesma perspectiva de Bagno (2000), Brito (2007) defende que, no PB, não há um SE apassivador. O que existe é um clítico que assume a função de sujeito. Para Bagno (2004:131), o SE está em processo de transformação e caminha para a inclusão no grupo de pronomes que atuam como sujeito. Na concepção de Bagno (2004) e Brito (2007), sobre o uso do SE, os exemplos retirados do corpus configuram casos de indeterminação do sujeito, independentemente do tipo de verbo (se transitivo direto ou indireto) apresentado.

O uso do SE indeterminador em estruturas passivas, para Brito (2007), seria uma forma de evitar confusões entre o SE reflexivo e o indeterminador. Como exemplo, a autora apresenta as seguintes sentenças:

- A) Muitos funcionários já se demitiram da empresa este ano.
- B) Já se demitiu muitos funcionários da empresa este ano.
- C) Já se demitiram muitos funcionários da empresa este ano.

Em A, o SE é reflexivo, indicando que os próprios funcionários pediram demissão. B, por sua vez, provoca o apagamento do agente, não apresentado quem demitiu os empregados. Em C, ocorre ambiguidade: pode-se ler tanto a informação de A quanto de B. Assim, o que a GT classifica como desvio da norma nada mais é do que um recurso para especificação de significado.

Para Bagno (2004), a organização SVO (SE como sujeito, verbo, objeto), com verbo no singular e objeto no plural, denota indeterminação; enquanto o verbo no plural na ordem SVO (em que o SE é objeto) apresenta ideia de reflexividade.

Em seus trabalhos, Nunes (1991) analisa, diacronicamente, a trajetória do SE apassivador e do indeterminador, apresentados, respectivamente, nos exemplos a seguir retirados do próprio autor:

- (a) Alugam-se casas.
- (b) Aluga-se casas.

Para o pesquisador, citando Naro (1976), há uma relação muito próxima entre as duas partículas: o SE apassivador é anterior ao SE indeterminador. No

português brasileiro (PB), a preferência tem sido o último, conforme atestam os dados analisados por Nunes (1991).

Em relação ao SE apassivador, o autor analisa que sua ocorrência tem estado mais associada à modalidade escrita culta do PB. Além disso, o indeterminador teria surgido de uma “reanálise” (p. 37) de seu precursor. O motivo de tal mudança, para o autor, de forma geral, seria o entendimento do SE como um pronome vazio que faz referência anafórica. Além disso, em uma análise diacrônica, Nunes (op. cit.) apresenta a expansão do uso do SE indeterminador. Primeiro, teriam ocorrido sentenças com verbos transitivos diretos sem objeto (como em *Compra-se bastante no Natal*). Depois, o emprego com verbos intransitivos (como em *Morre-se aos poucos*). Em terceiro lugar, verbos transitivos com preposição (como em *Necessita-se de ajudantes*). Estes seguidos por verbos de ligação (como em *É-se mais experiente quando se é mais velho*) e ergativos (*Chegou-se atrasado*). E, por fim, as construções passivas (como em *Na multidão, não se é percebido por ninguém*).

Segundo Dutra (2015), por apresentar variações em seu uso, o SE tem suscitado discussões relacionadas a suas três funções mais comuns: apassivador, indeterminador e reflexivo. Embora semelhantes, há um ponto bem esclarecido pelos estudos sobre o SE: os dois primeiros (apassivador e indeterminador) não se confundem com o terceiro (reflexivo) (ALMEIDA, 1977 apud DUTRA, 2015).

Analisando cada estrutura, a autora reforça a ideia de que, ao se compararem as vozes passivas analítica (verbo SER seguido de particípio) e a sintética (com o SE), percebe-se que esta última marca de forma mais sensível a o apagamento do agente. Além disso, confrontando a concepção tradicional, para Dutra (2015), a impessoalização não ocorre apenas com o chamado SE indeterminador, o qual, segundo as gramáticas tradicionais, aparece com verbos transitivos indiretos ou intransitivos. Na verdade, para a pesquisadora, tanto a passiva sintética (formada por verbo transitivo direto) como a analítica podem promover o apagamento do agente. Assim, essas três formas estariam muito mais próximas do que gostariam de admitir os textos tradicionais.

A proposta que Dutra (2015) procura entender a passiva analítica (chamada por ela de pessoal) e a sintética (chamada por ela de impessoal) como estruturas com remoção de sujeito. Além disso, a posição ocupada pelo

argumento verbal seria a de objeto, em oposição à análise tradicional, a qual reconhece, na voz passiva, a presença de um sujeito. Com essa nova visão, a autora pretende tecer uma explicação mais concisa da passiva bem como explicar a relação das duas formas da passiva, que é justamente a remoção do sujeito.

Sobre a função reflexiva do SE, citando Aguiar (1942), afirma-se que essa é a primeira função da partícula, a qual projeta o processo sobre o próprio agente. Assim, haveria uma gradação do uso do SE, partindo de sua “gênese”, reflexivo, até seu emprego mais atual, indeterminador. Este último, como visto, ocupa um lugar controverso: está entre a norma e o uso. Se entendido apenas como forma de omitir sujeito, independente do verbo que acompanha, dispensa a concordância de número.

Neste estudo, pretende-se discutir em qual espectro o SE analisado se encontra. Isto é, tomando por base tantas classificações possíveis para o clítico, qual seria o uso mais recorrente? O que se pretende é entender o olhar do falante sobre o uso da partícula; afinal, é o usuário quem legitima o uso. Com base no emprego feito, a intenção é analisar como o SE tem se cristalizado, ou seja, qual sua forma e seu uso mais frequentes. Tomando por base concepções menos tradicionais e menos enrijecidas, como Bagno (2000) e Perini (2000), parece plausível entender o SE, nos casos a serem apresentados, como marca de indeterminação, o qual absorve a função de sujeito, mas omite o agente. Por este uso particular do SE estar se tornando recorrente, o clítico passa por um processo de gramaticalização, explicado adiante, com base em Bybee (2003).

### **5.1 A gramaticalização do SE**

Bybee (2003), em seu trabalho, aponta que a gramaticalização de uma estrutura está relacionada à sua frequência de uso. A repetição faz com que palavras e morfemas passem a ser vistos como unidades de processamento da língua. Ou seja, geram-se construções conforme os conjuntos linguísticos são usados e perdem sua noção de composicionalidade. Além disso, a alta frequência de emprego da construção causa seu esvaziamento de sentido, tornando o item mais genérico e abstrato (BYBEE, 2003). Com base nessa

teoria, pode-se afirmar que o aumento da frequência de uso da construção SV + SE em artigos científicos contribui para sua gramaticalização.

A proposta de Bybee (2003) também se comprova ao serem analisadas as aparições do SE pré e pós-verbal. Como será visto, há uma tendência à ênclise, revelando que, para o falante, o clítico é sempre um pronome, está preso ao verbo e demarca impessoalização.

Quando ocorre como indeterminador, excluindo a concordância verbal, o SE representa um uso desprestigiado pela Gramática Tradicional e tachado como erro, já que se vincula à noção de discurso informal. Assim, especula-se se há indícios de um processo de informalização do discurso acadêmico, do qual o emprego do SE participa. Como referencial para essa discussão, na seção seguinte, discute-se a noção de informalidade e se/como ela tem perpassado o texto acadêmico em alguma medida.

## **6 INFORMALIDADE TANGENCIANDO O TEXTO ACADÊMICO**

Em seu artigo, *Is academic writing becoming more informal?*, Hyland e Jiang (2017) questionam se a crescente informalidade percebida em vários textos escritos e orais, como jornais e documentos administrativos, estaria migrando para os artigos acadêmicos. Antes de chegar a uma conclusão, os autores se propõem a definir o que seria formalidade/informalidade. Segundo os pesquisadores, uma linguagem pautada na formalidade reduz a dependência do contexto para seu entendimento e evita a ambiguidade. Já a informalidade apresenta como marca a flexibilidade do texto e está associada a uma aproximação emissor-receptor. Pautada na coloquialidade, é aquela linguagem empregada na conversa rotineira, por pessoas comuns.

Contudo, conforme afirmam Hyland e Jiang (2017), não se pode concluir facilmente que a escrita acadêmica esteja assimilando as marcas da oralidade. Na verdade, o que ambos defendem é a relativa dificuldade de se inserir aspectos informais nos gêneros acadêmicos. Isso se dá, pois o discurso formal é construído de forma a gerar imparcialidade e afastamento da figura pessoal. Além disso, como é afirmado pelos autores, a linguagem formal reduz especificidades dos autores individuais, já que experiências pessoais e marcas

subjetivas devem dar lugar à apresentação de informações. Assim, concluem, ao escrever, o autor abre mão de sua identidade.

Embora pareça que formalidade e informalidade são mutuamente excludentes, Hyland e Jiang (2017) as entendem como um contínuo. Há textos mais próximos da formalidade que outros, e vice-versa. Assim, mesmo gêneros mais espontâneos e menos rígidos apresentam certo grau de formalidade, que é justamente aquilo que confere inteligibilidade ao material. Na escrita acadêmica, para os autores, a formalidade ajuda a evitar interpretações distorcidas e manipulações resultantes de marcas sociais do escritor. Logo, caso ocorra uso mais frequente da informalidade, o que se muda são as formas de acesso ao leitor, não as convenções. Nesse sentido, os autores defendem a ideia de que as marcas de coloquialidade são tentativas que o autor faz a fim de criar uma relação mais pessoal com o leitor. Contudo, na escrita acadêmica, o que se busca é a precisão do conteúdo; portanto, é pouco provável que pesquisadores se afastem excessivamente da formalidade.

Como uma das estratégias para conferir objetividade ao discurso, Hyland e Jiang (2017) apontam o uso da impessoalidade, tomando como referência os estudos de Bennet (2009). Os dois primeiros autores, em seu artigo, analisam textos com o intuito de averiguar se e como textos acadêmicos têm se tornado informais. Analisando estruturas do discurso mais flexível, como contrações, pronomes de primeira e segunda pessoa, os pesquisadores chegam a uma conclusão dicotômica em relação à pergunta-título: a informalidade dos textos acadêmicos é relativa.

Os corpora analisados pelos autores são compostos por corpus de diferentes áreas do conhecimento: linguística aplicada, sociologia, engenharia elétrica e biologia. Nos resultados, disciplinas de ciência e engenharia se mostraram mais propensas a aceitar a informalidade, enquanto as ciências sociais têm passado por processo de formalização. Contudo, os escritores reforçam que, embora a pesquisa sugira o processo de informalidade em textos acadêmicos, não se pode exagerar em relação à intensidade ou à agilidade de tal mudança. Há de se considerar, concluem os autores, que gêneros são regidos por estruturas fortes, bem como estudiosos os quais têm investido por tempos em suas convenções. Assim, a mudança ocorre lentamente. Ainda, tais

mudanças se dão por interesses retóricos, não por questões de afrouxamento de estruturas para que elas se tornem mais acessíveis.

Como último recorte, de interesse desta dissertação, do artigo, Hyland e Jiang (2017) reconhecem que a impessoalidade, nas ciências, tem se apresentado como uma escolha retórica em ascensão nos artigos acadêmicos, conforme visto nas áreas biologia e engenharia elétrica, apresentadas no trabalho dos autores. Essa estratégia, relacionada às intenções comunicativas bem como o entendimento do falando em vistas do uso do SE serão discutidas mais detalhadamente na seção de análise.

A seguir, é apresentado um conceito que pode ajudar a explicar algumas ocorrências extraídas do corpus desse estudo com a partícula SE. Para isso, extrapolando a noção de formalidade, na seção seguinte é abordado o tema da hipercorreção.

### 6.1 Hipercorreção

O fenômeno da hipercorreção consiste em um uso inadequado de estruturas linguísticas que, na perspectiva do falante, então corretas por se pautarem em regras prescritas pela gramática. Assim, em oposição a discussão proposta por Hyland e Jiang (2017) sobre a informalidade no texto acadêmico, o fenômeno em questão segue uma vertente em que há preocupação excessiva com o uso da modalidade formal da língua, bem como a noção de erro.

Para Mattoso Câmara (2002) o excesso de correção é uma “equivocação no desejo de falar bem”. Esse fato pode ocorrer, por exemplo, na fala de indivíduos que passam por transição de *status* social, movendo-se na pirâmide social. Segundo Scremin e Aimi (2010), esses falantes, por já terem certo conhecimento das regras gramaticais prescritivas, almejam o uso considerado culto da língua. Para as autoras, o usuário, ansioso por aplicar normas sobre as quais já fora alertado, termina por usar determinada regra em contextos nos quais ela não é prevista. É o que ocorre, por exemplo, na amostra a seguir:

(12) É interessante salientar que **se tratam de** trabalhos com banco de dados de tamanhos diferentes, além de metodologias diversas. (Trecho retirado da área de CB)

Segundo a tradição gramatical, em frases com verbos transitivos indiretos seguidos de SE, o verbo deve permanecer no singular, já que é um caso de oração com sujeito indeterminado. Em (12), nota-se que o verbo *tratar* foi empregado no plural. O fato ocorre, pois, na concepção do falante, há um exemplo de voz passiva sintética, na qual o verbo concorda com o sujeito paciente. Assim, para o usuário, a amostra em questão seria composta por sujeito paciente *trabalhos com banco de dados de tamanhos diferentes*, cujo núcleo, *trabalhos*, deve concordar em número com o verbo *tratam*.

É relevante observar que este tipo de fenômeno não é comumente registrado na produção de qualquer tipo de falante (MORENO, 2004). Para aplicar a regra, ainda que de forma excessiva, é necessário ter conhecimento aprofundado da língua escrita. Logo, são falantes mais escolarizados que costumam produzir hipercorreção. Para Moreno (op. cit.), a mudança de posição social gera no indivíduo uma consciência sobre o uso da língua feito anteriormente e que estava associado a uma posição social de menor prestígio. Com a intenção de empregar a língua cada vez mais próxima da norma padrão, o falante incorre em mais erros dessa natureza, isto é, ligados à aplicação de regras de forma indistinta.

Nas ocorrências extraídas do corpus, foram encontrados casos de hipercorreção com o uso do SE. Na seção de análise, essas amostras serão discutidas com base na noção de hipercorreção, levando em consideração as noções apresentadas nesta parte do texto.

No próximo capítulo, apresenta-se a metodologia empregada para a coleta dos dados e sua posterior análise. Também, explica-se o caminho o qual levou a pesquisa à especificação do corpus, gerando um subcorpus.

## 7 METODOLOGIA

O corpus a ser empregado nesta dissertação é um recorte de textos da área de Ciências Biológicas, retirados do Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro (CAPB)<sup>12</sup> (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2018). O projeto tem por principal objetivo oferecer, para a comunidade, um corpus de

---

<sup>12</sup> O CAPB encontra-se disponível no endereço eletrônico <https://sites.google.com/view/corpusacademico>

artigos científicos, de forma sistematizada, compreendendo todas as Grandes Áreas do conhecimento, atestadas pela CAPES (op. cit.). O CAPB é uma parceria entre alunos e professores das Universidades Federais de Minas Gerais e Viçosa.

Conforme informações retiradas do endereço eletrônico do projeto, o CAPB também pretende

1. representar o uso do registro formal do PB em produções escritas de gêneros acadêmicos distintos, contemplando todas as Grandes Áreas da CAPES, e suas respectivas áreas de avaliação.
2. desenvolver pesquisas linguísticas e textuais sobre, baseadas em corpus de textos acadêmicos, e publicar trabalhos de modo a ampliar a literatura existente sobre a Linguística de *Corpus* aplicada ao PB;
3. desenvolver material didático para o ensino do registro formal do PB;
4. formar alunos de graduação e de pós-graduação na coleta de dados e tratamento de dados e na utilização de corpus como ferramenta de pesquisa linguística e
5. disponibilizar o *corpus* e/ou amostras dele para outros pesquisadores, professores e estudantes por meio de uma plataforma *online*.

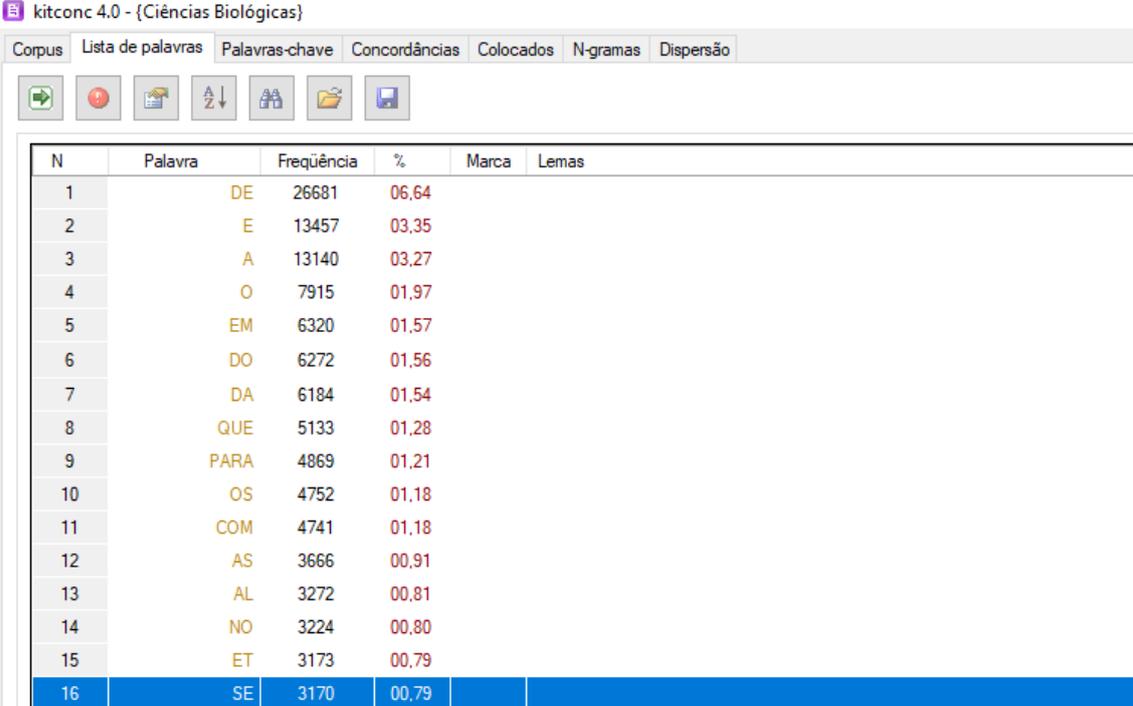
Como mencionado, o uso do CAPB justifica-se pelo trabalho iniciado durante a iniciação científica, quando foram feitas coletas e tratamento dos artigos a serem inclusos no projeto. Além disso, o presente trabalho objetiva a descrição do uso da língua no ambiente acadêmico. Assim, o CAPB se mostra uma excelente fonte para tal objetivo, já que é composto por textos circulantes, escritos por falantes nativos do PB e reveladores das tendências de uso da língua. A escolha de uma área específica, no caso a Ciências Biológicas (CB), se justifica por ser um corpus controlado, já que se trata de publicações da mesma disciplina e que, provavelmente, seguem orientações de escrita bem próximas. Isto é, o uso de uma única área favorece a análise de dados uniformes e próximos entre si. Além disso, a área de CB apresenta um alto número de publicações (o corpus conta com 401.821 palavras). Ainda, segundo Hyland (2017), é importante a análise disciplinar da linguagem científica para a área de escrita acadêmica.

De início, foram coletados artigos científicos do CAPB, criando um arquivo de 401.821 palavras, como dito. Os textos, em formato .txt, foram copiados do

CAPB e inseridos no programa de tratamento de textos *Kitconc*© 4.0 (MOREIRA FILHO, 2008). Com base nisso, analisou-se a frequência de ocorrência do clítico SE nos textos coletados. Os artigos, em formato .txt, estavam divididos em dois arquivos, os quais foram inseridos no programa *Kitconc*© 4.0 a fim de se criar um único material.

O *software* permite criar lista de palavras, mostrando a ocorrência de termos e suas concordâncias. A Figura 2 a seguir representa a lista com as palavras mais frequentes no corpus. Observa-se que o SE ocupa a 16ª posição, revelando o elevado emprego do recurso nos artigos.

**Figura 2:** Lista de palavras mais frequentes no corpus.



N	Palavra	Frequência	%	Marca	Lemas
1	DE	26681	06,64		
2	E	13457	03,35		
3	A	13140	03,27		
4	O	7915	01,97		
5	EM	6320	01,57		
6	DO	6272	01,56		
7	DA	6184	01,54		
8	QUE	5133	01,28		
9	PARA	4869	01,21		
10	OS	4752	01,18		
11	COM	4741	01,18		
12	AS	3666	00,91		
13	AL	3272	00,81		
14	NO	3224	00,80		
15	ET	3173	00,79		
16	SE	3170	00,79		

Ao clicar na palavra SE, na lista, geram-se todas as ocorrências em forma de lista de concordâncias. Outro caminho possível é pesquisar pela palavra desejada utilizando o ícone de binóculo na barra de tarefas. É possível pesquisar, além de unidades lexicais, radicais e participantes. A Figura 3 mostra a lista de concordâncias com SE. A coluna “marca”, no canto superior direito, permite que sejam feitas inserções de códigos para catalogar as ocorrências. Isto é, caso seja necessário, pode-se adicionar letras ou números para cada concordância. Para este trabalho, o recurso é interessante para se separarem as estruturas com SE em grupos mais específicos.

**Figura 3:** Lista de concordâncias do SE

kitconc 4.0 - (Ciências Biológicas)

Corpus Lista de palavras Palavras-chave Concordâncias Colocados N-gramas Dispersão

SE

N		Marca	Arquivo
1	s últimos anos, a conservação da biodiversidade transformou-	se	em um dos eixos centrais da questão ambie...
2	ISTIE et al., 2003). Dentre as questões apontadas, destacam-	se	a necessidade de identificar os anteceden...
3	dos recursos naturais (regras costumeiras e legais) no qual	se	inserem (CHUENPAGDEE et al.,2013). Nesta ...
4	em (CHUENPAGDEE et al.,2013). Nesta perspectiva, identifica-	se	que as primeiras experiências de proteção...
5	ergentes conferências mundiais de meio ambiente, destacando-	se	o Programa dos Mares Regionais das Nações...
6	Nos últimos vinte anos, a conservação marinha intensificou-	se	como resultado do processo de institucion...
7	POVA et al., 2010). Na América Latina e Caribe contabilizam-	se	683 AMP, com uma extensão aproximada de 7...
8	lógica, celebrada em Nagoya (COP 10) no ano 2010, reafirmou-	se	a meta de proteger e manejar efetivamente...
9	e a conservação da biodiversidade marinha é um fenômeno que	se	configura em torno da combinação de proce...
10	urais. Para analisar os processos acima assinalados, propõe-	se	uma perspectiva híbrida, que combina a an...
11	e arenas para a tomada de decisão (FERREIRA, 2004). Integra-	se	, ainda, a este arcabouço analítico a noçã...
12	o de implementação de Áreas Marinhas Protegidas, transforma-	se	na síntese política do processo social as...
13	lação com a criação de uma Área Marinha Protegida, pretende-	se	contribuir para a compreensão do processo...
14	de Marinha no Chile No Chile, a conservação marinha iniciou-	se	formalmente na década de 1970 com a criaç...
15	sse para a pesquisa científica ou para o Estado, associando-	se	principalmente à proteção de espécies e h...
16	TA et al., 2011). Em resposta a estas deficiências, iniciou-	se	no ano de 2004 o projeto "Conservação da ...
17	momento, inexistente no debate nacional. Assim, reconheceu-	se	a presença de grupos humanos em territóri...
18	humanos em territórios de alta biodiversidade e procurou-	se	integrá-los no processo decisório. Esta e...
19	vação efetiva dos ecossistemas marinhos. Paralelamente, tem-	se	proposto a criação de um modelo municipal...
20	Áreas Protegidas (GELCICH et al., 2011). Este modelo baseia-	se	na iniciativa desenvolvida no Município d...
21	ncia de Cardenal Caro A Província de Cardenal Caro localiza-	se	na parte ocidental da região do Libertado...
22	la. A faixa litorânea tem uma extensão de 100km, destacando-	se	a presença da Cordilheira da Costa que at...
23	cos e diversas zonas úmidas. O setor pesqueiro caracteriza-	se	por ser exclusivamente artesanal, não exi...
24	uicultura. Dentre as atividades da pesca artesanal, destaca-	se	a exploração de algas marinhas, que corre...
25	iii (SERNAPESCA, 2012). Dentre as algas exploradas destacam-	se	a luga (Mazzaella laminarioides), a chasc...

Mais um recurso disponível no *software* é o acesso ao contexto de ocorrência da palavra. Quando se clica em qualquer linha da lista, abre-se uma janela com parte no texto na qual o SE aparece. Assim, uma análise para além da linha de concordância torna-se possível. É o que se vê na Figura 4:

**Figura 4:** Janela com contexto de ocorrência da palavra SE

1	s últimos anos, a conservação da biodiversidade transformou-	se	em um dos eixos centrais da questão ambie...	CNU...
2	ISTIE et al., 2003). Dentre as questões apontadas, destacam-	se	a necessidade de identificar os anteceden...	CNU...
3	dos recursos naturais (regras costumeiras e legais) no qual	se	inserem (CHUENPAGDEE et al.,2013). Nesta ...	CNU...
4	em (CHUENPAGDEE et al.,2013). Nesta perspectiva, identifica-	se	que as primeiras experiências de proteção...	CNU...
5	ergentes conferências mundiais de meio ambiente, destacando-	se	o Programa dos Mares Regionais das Nações...	CNU...
6	Nos últimos vinte anos, a conservação marinha intensificou-	se	como resultado do processo de institucion...	CNU...
7	POVA et al., 2010). Na América Latina e Caribe contabilizam-	se	683 AMP, com uma extensão aproximada de 7...	CNU...
8	lógica, celebrada em Nagoya (COP 10) no ano 2010,	se	a meta de proteger e manejar efetivamente...	CNU...
9	e a conservação da biodiversidade marinha é um fe	se	configura em torno da combinação de proce...	CNU...
10	urais. Para analisar os processos acima assinalad	se	uma perspectiva híbrida, que combina a an...	CNU...
11	e arenas para a tomada de decisão (FERREIRA, 2004	se	, ainda, a este arcabouço analítico a noçã...	CNU...
12	o de implementação de Áreas Marinhas Protegidas,	se	na síntese política do processo social as...	CNU...
13	lação com a criação de uma Área Marinha Protegida,	se	contribuir para a compreensão do processo...	CNU...
14	de Marinha no Chile No Chile, a conservação marin	se	formalmente na década de 1970 com a criaç...	CNU...
15	sse para a pesquisa científica ou para o Estado,	se	principalmente à proteção de espécies e h...	CNU...
16	TA et al., 2011). Em resposta a estas deficiências,	se	no ano de 2004 o projeto "Conservação da ...	CNU...
17	momento, inexistente no debate nacional. Assim,	se	a presença de grupos humanos em territóri...	CNU...
18	os humanos em territórios de alta biodiversidade	se	integrá-los no processo decisório. Esta e...	CNU...
19	vação efetiva dos ecossistemas marinhos. Paralelamente, tem-	se	proposto a criação de um modelo municipa...	CNU...
20	Áreas Protegidas (GELCICH et al., 2011). Este modelo baseia-	se	na iniciativa desenvolvida no Município d...	CNU...
21	ncia de Cardenal Caro A Província de Cardenal Caro localiza-	se	na parte ocidental da região do Libertado...	CNU...
22	la. A faixa litorânea tem uma extensão de 100km, destacando-	se	a presença da Cordilheira da Costa que at...	CNU...

Texto: C:\Users\LUCAS\OneDrive\Mestrado\BIOLOGICAS\BIOLO...

Após a criação da lista de ocorrências, a qual conta com 3170 aparições do SE, foi necessário limpar o material, uma vez que o interesse da dissertação é o clítico SE. Portanto, conjunções condicionais e integrantes, siglas, partes de

expressões latinas foram excluídas. A limpeza foi feita no próprio *software*, obtendo-se 3037 ocorrências.

A partir do corpus parcial, devido a observação de um fenômeno que se mostrou considerável – a ausência de concordância verbal quando há SE apassivador –, foi feita uma extração de amostras específicas. Observou-se que, em alguns casos, o verbo acompanhado do clítico não estabelecia concordância com o argumento na posição de sujeito paciente. Por se tratar um evento peculiar, já que se trata de um uso entendido como informal para a Gramática Tradicional, optou-se por, manualmente, retirar todas as ocorrências em que os argumentos verbais do tipo sujeito estivessem no plural ou fossem sujeitos compostos, mas que não estivessem em concordância de número com o verbo.

Dessa coleta inicial, foram retirados 40 casos, os quais serviram como amostras para análise e discussão do fenômeno de concordância inovadora, isto é, em desacordo com a GT. Outros casos também foram coletados a fim de comparação. Estes compreendem 17 amostras, que ou seguem a concordância prescritiva ou configuram casos de hipercorreção – casos em que as regras gramaticais são aplicadas quando não há necessidade. No total, 57 ocorrências foram selecionadas, incluindo aquelas que já foram apresentadas no referencial teórico como exemplos. Aproveitando as ferramentas do *Kitconc*© 4.0 (MOREIRA FILHO, 2008), também foi possível selecionar o número de termos antes e depois da palavra em destaque. Assim, há a possibilidade de averiguar argumentos pré e pós-verbais com o intuito de comparar as construções. Também se torna viável perceber qual a posição mais comum ocupada pelo SE em relação ao verbo. As Figuras 5 e 6, a seguir, são os resultados dos contextos de ocorrência do SE.

O código N-1, na Figura 4, indica o primeiro colocado presente à esquerda de SE. Na Figura 5, N+1 indica o colocado à direita. A opção de apenas uma palavra antes e uma depois justifica-se uma vez que o clítico aparece próximo a verbos, em posições pré ou pós-verbal (seguindo a nomenclatura gramatical, próclise e ênclise, respectivamente). Os resultados, apresentados nas Figuras 4 e 5, revelam que a posição pós-verbal é tendência de uso no corpus, indicando a percepção do falante de que o SE deve vir preso a uma estrutura verbal. Na Figura 4, dos 10 colocados mais frequentes à esquerda do SE, 7 são verbos. Já na posição proclítica, os verbos não estão nem entre os 10 mais frequentes.

Apenas após a posição 17 é que formas verbais começam a aparecer, e ainda assim em menor frequência do que nos contextos de ênclise.

Por entender que o SE é uma unidade clítica a qual se prende a estruturas verbais e seguindo o próprio uso feito pelos falantes, optou-se por trabalhar com os dados da Figura 4. Assim, da própria lista de contextos (no caso, as ênclises), foram selecionados os cinco verbos mais empregados com o clítico. Pensando-se numa análise qualitativa, o objetivo é aplicar os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985,1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) em relação aos processos a fim de se entender quais são os verbos mais empregados com o clítico SE.

**Figura 5:** Contextos de ocorrência do SE – posição pós-verbal

kitconc 4.0

Corpus Lista de palavras Palavras-chave Concordâncias Colocados N-gramas Dispersão

N-1

N	Palavra	Frequência	Marca
1	QUE	161	
2	OBSERVOU	145	
3	UTILIZANDO	102	
4	VERIFICOU	87	
5	UTILIZOU	84	
6	PODE	78	
7	NÃO	66	
8	CONSIDERANDO	58	
9	OBSERVA	57	
10	DE	54	
11	QUANDO	46	
12	TORNA	38	
13	VERIFICA	34	
14	DEVE	28	
15	ENCONTRAM	28	
16	ONDE	26	
17	REALIZOU	26	
18	PARA	25	
19	TEM	22	
20	AO	22	
21	DESTACAM	21	
22	DESTACA	21	
23	OBTENDO	20	
24	APRESENTARAM	20	
25	DESTACANDO	19	
26	ENCONTRA	19	
27	E	19	

**Figura 6:** Contextos de ocorrência do SE – posição pré-verbal

kitconc 4.0

Corpus Lista de palavras Palavras-chave Concordâncias Colocados N-gramas Dispersão

N+1

N	Palavra	Freqüência	Marca
16	AO	23	
17	OBSERVOU	20	
18	REFERE	19	
19	MAIS	17	
20	PARA	17	
21	AINDA	16	
22	ENCONTRA	16	
23	MAIOR	16	
24	DEVE	14	
25	PORTANTO	14	
26	DÁ	13	
27	AOS	13	
28	OBSERVAR	12	
29	ENTRE	11	
30	AVALIAR	11	
31	CONSIDERAR	11	
32	NECESSÁRIO	11	
33	ASSIM	10	
34	AUMENTO	10	
35	TORNA	10	
36	PELA	9	
37	DIFERENÇA	9	
38	TRATAR	9	
39	DESTACA	9	
40	PRINCIPALMEN...	9	
41	TRÊS	9	
42	ENCONTRAM	8	

A sintaxe do SE e seus contextos de ocorrência foram usados de forma comparativa para se entender as 40 amostras coletadas, separadas em arquivo do Word. No mesmo arquivo, foram compilados casos em que o SE apassivador foi empregado de acordo com a GT e casos em que houve hipercorreção, isto é, a estrutura deveria estar no singular, mas apareceu no plural. Além disso,

geraram-se duas tabelas, apresentadas a seguir, para mostrar quais os processos atrelados ao SE. A Tabela 1 apresenta os processos com SE desagentivizador, mas sem concordância. A Tabela 2 compreende os casos comparativos, com uso seguindo a GT e hipercorreção.

**Tabela 1:** Processos e o SE

<b>Verbo</b>	<b>Tipo de Processo</b>	<b>Quantidade</b>
Acompanhar	Material	1
Adicionar	Material	1
Analisar	Mental	1
Anotar	Material	1
Avaliar	Mental	2
Confirmar	Mental	1
Considerar	Mental	2
Destacar	Material	1
Dever (+ averiguar)	Mental	1
Encontrar	Mental	2
Incluir	Material	1
Inserir	Material	1
Medir	Material	1
Misturar	Material	1
Observar	Mental	5
Obter	Material	4
Poder (+ interpretar, isolar, plotar, mencionar)	Mental, Material, Material, Verbal	4
Propor	Verbal	1
Recomendar	Verbal	2
Selecionar	Material	1
Ter (+ buscar)	Material	1
Testar	Material	1
Tornar	Relacional	1
Transferir	Material	1
Utilizar	Material	2
<b>TOTAL</b>	<b>Material = 20</b>	<b>40</b>
	<b>Mental = 15</b>	
	<b>Verbal = 3</b>	
	<b>Relacional = 1</b>	

**Tabela 2:** processos e o SE – ocorrências com concordância prescritiva/hipercorreção

<b>Verbo</b>	<b>Tipo de Processo</b>	<b>Quantidade</b>
Apresentar	Relacional	1
Avaliar	Mental	1
Constatar	Mental	1
Destacar	Material	1
Discutir	Verbal	1
Encontrar	Material	1
Observar	Mental	2
Poder (+ isolar, + observar)	Material, Mental	2
Reconhecer	Mental	1
Tratar	Relacional	2
Utilizar	Material	1
Verificar	Mental	2
<b>TOTAL</b>	<b>Relacional = 3</b>	<b>16</b>
	<b>Material = 4</b>	
	<b>Mental = 8</b>	
	<b>Verbal = 1</b>	

Em relação a identificação da voz média nas estruturas com o SE, seguiram-se os pressupostos de Halliday (1985). Para o autor, uma construção média é aquela que:

1 – apresenta um processo auto-causado (*self-caused process*), sem Agente explícito;

2 – compõe-se por Processo + Meio (isto é, verbo e sujeito, nos termos tradicionais);

3 – descreve a ocorrência de algo, sem participante externo.

Consideraram-se os contextos de ocorrência, relacionando-os à LSF. As metafunções ideacional, interpessoal e textual foram aplicadas no que tange (a) ao uso da língua, (b) à relação escritor/pesquisador-leitor e (c) à organização das estruturas linguísticas.

Finalmente, com o objetivo de conferir maior confiabilidade aos coletados, bem como de garantir maior acuraria à classificação dos processos (verbos) identificados neste estudo, foi requerida a análise de um avaliador independente. Para tal função, selecionou-se uma das pesquisadoras do grupo, iniciada em estudos gramaticais, também coautora do CAPB. Os dados foram checados por

ela até atingirem mais de 90% de concordância entre pesquisadores, conforme sugerido por LeBreton *et al* (2008).

Na seção seguinte, os dados são apresentados e discutidos com base no referencial teórico selecionado para este estudo.

## 8 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise do corpus em relação ao emprego do SE no artigo científico, observou-se um fenômeno de ocorrência considerável. A seguir, são apresentados alguns trechos:

- (13) **Avaliou-se** o crescimento e a sobrevivência em duas faixas de idade, o que pode contribuir para aperfeiçoar a larvicultura desta espécie em laboratório.
- (14) Neste experimento **utilizou-se** larvas recém eclodidas alimentadas exclusivamente com rotíferos *Brachionus rotundiformis*.
- (15) Para sobrevivência **encontrou-se** os valores de 3,14% ( $\pm 6,09$ ), 9,25% ( $\pm 10,09$ ) e 4,62% ( $\pm 1,15$ ) para os tratamentos 12 h, 18 h e 24 h respectivamente.

Pautando-se nas concepções tradicionais do clítico SE, ou seja, aquelas apresentadas pelas gramaticais normativas, como Cunha (1972) e Bechara (1992), percebe-se que os exemplos expostos distanciam-se da regra prescrita pelos manuais. Em frases cujos verbos são transitivos diretos – como é o caso de *avaliar*, *utilizar* e *encontrar*, nos exemplos (13), (14) e (15), respectivamente – ou bitransitivos e são seguidos pela partícula SE, tem-se uma estrutura sintática de voz passiva sintética. Nessa organização, o sujeito, chamado de paciente, deve manter a concordância com o verbo principal. Assim, em orações como o exemplo a seguir, há a seguinte estrutura:

Ex.: Vendem-se casas.

Onde: *casas* é o sujeito paciente, o qual é afetado pela ação expressa pelo verbo.

*vendem* é o verbo transitivo, o qual concorda em pessoa gramatical (3ª) e número (plural) com o sujeito.

*se* é a partícula apassivadora, a qual marca a voz passiva da oração.

Ao retomar os trechos retirados do corpus, é notável que as estruturas com verbo e clítico SE representam a tradicional voz passiva sintética. Contudo, como mencionado, há um desalinhamento, segundo a GT, pois, nessas orações, não há concordância prescritiva entre o sujeito e seu respectivo verbo<sup>13</sup>. Retomando os exemplos de (13), (14) e (15), observa-se que:

- a) No exemplo (13), o sujeito é composto formado por dois núcleos no singular (*crescimento e sobrevivência*). Contudo, o verbo relacionado a esse sujeito encontra-se no singular.
- b) Em (14) e (15), os núcleos dos sujeitos pacientes pospostos aos verbos (*larvas e valores*) estão no plural, indicando uma marcação de número mais evidente do que apenas a existência de mais de um núcleo. No entanto, assim como em (13), não foi feita a concordância no plural entre verbo e sujeito.

Tal fenômeno se repete em estruturas complexas, com sujeitos compostos e extensos, formados por núcleos seguidos de muitos especificadores; e em estruturas básicas, cujos sujeitos são simples (no plural) e seguidos de poucos especificadores do núcleo. A seguir, são apresentados outros exemplos retirados do corpus:

(16) A cada dia, porém, **torna-se** mais importante *o estudo e a conservação*<sup>14</sup> desses fascinantes animais que possuem uma biologia reprodutiva diferente de outros mamíferos.

(17) Utilizou-se uma ficha específica, onde **anotou-se** *dados* biológicos referentes à data, espécie, idade, muda (rêmiges e retrizes), massa corporal total e número da anilha.

Comparando-se os exemplos (16) e (17) com os exemplos (13) e (14), respectivamente, nota-se uma tendência: a ausência de concordância verbal com os respectivos sujeitos. Como dito, mesmo em contextos nos quais há verbo

---

<sup>13</sup> Deve-se considerar que os textos analisados foram publicados em revistas de alta qualificação. Logo, pressupõe-se que houve revisão gramatical. Assim, mesmo após a análise de um especialista em gramática, o uso inovador do SE foi percebido nos textos. Esse fato pode reforçar a tendência do uso inovador do SE.

<sup>14</sup> Aqui faz-se análise apenas dos núcleos do sujeito acompanhados de seus determinantes (artigos), desconsiderando-se seus especificadores (locuções adjetivas, adjetivos etc.).

e núcleo do sujeito no plural, sem a intercalação de informações que podem fazer com que a concordância possa se deslocar, há a ocorrência de sujeito plural com verbo no singular. Em contextos complexos, em que o sujeito está distante do verbo ou apresenta dois núcleos singulares, o fenômeno se repete. Estruturas como as apresentadas aparecem 40 vezes ao longo do corpus. O número de ocorrências é considerável, já que o SE aparece 3037 vezes no corpus de Ciências Biológicas, que compreende 401821 palavras.

A evidência de que o falante não concorda o sujeito paciente no plural com o respectivo verbo é reveladora de uma tendência que tem sido observada no PB em relação ao uso do SE. Conforme Bagno (2000), não haveria na língua o SE apassivador, apenas o indeterminador e o reflexivo. Além disso, como visto, Bagno (2001) e Scherre (2007) defendem que, para o falante, participantes pós-verbais configuram objeto, não sujeito, dispensando-se a concordância de número.

Nos exemplos nos quais não há relação de concordância entre o verbo e o sujeito, devido à presença do SE, nota-se que um processo de gramaticalização pode estar ocorrendo, como identificado por Bybee (2003). Dessa forma, devido ao considerável número de ocorrências desse fenômeno, o que se nota é a consagração de um uso no contexto formal. Nesses casos, o SE apenas aparece como marca de desagentivização verbal, assumindo a função de sujeito. Isto é, o termo ocupa uma posição sintática que reflete uma marca semântica. Em suma, o posicionamento do SE parece ser uma marcação mais estrutural do que, propriamente, semântica. Retomando Amorim (2011), o SE latino, em tese, não poderia ocupar função de sujeito, mas parece que o fato é justamente este nos exemplos: o clítico absorve uma função sintática, mas não expressa semanticamente a ideia de agente.

Na mesma direção, em exemplos da linguagem coloquial, são comuns frases como “Ali vende doce” ou “Ali precisa de funcionário”, indicando a supressão do SE, sem que haja a perda da impessoalização. No texto acadêmico, o que se vê é a manutenção do clítico como forma de reforço a essa impessoalização.

A esse respeito, a proposta de Bagno (2000) evidencia-se nas amostras apresentadas. O falante, ao usar o SE, apresenta/salienta duas concepções centrais: (a) trata-se de um pronome, por isso os dados revelam elevados números de ocorrência do SE pós-verbal; e (b) a ausência de concordância

indica que, para o falante, o SE é uma marca impessoalizadora do discurso. É válido lembrar que a função pronominal do SE tem bases latinas, como visto em Amorim (2011). Contudo, o uso do SE tem se associado cada vez mais a posição de sujeito. Brito (2007) defende a ideia de que o SE tem assumido tal função. Para Bagno (2000), o pronome passa, então, a fazer parte do grupo de clíticos que podem atuar como sujeito.

Há outras condições que também podem contribuir para a alegada cristalização do SE como marca de desagentivização verbal, fazendo com que não haja concordância entre o verbo e o sujeito. Em outros exemplos extraídos do corpus puderam-se observar mais estruturas como as apresentadas nos exemplos de (13) a (17).

Na Tabela 1, apresentada anteriormente, estão os processos que aparecem em estruturas passivas com o SE com ausência de concordância. Os mais comuns são os do tipo material e do tipo mental. Nota-se um uso mais frequentes desses processos, uma vez que estão relacionados às ideias de fazer (material) e de analisar (mental), respectivamente. A frequência desses processos, de forma geral, é confirmada pela Tabela 2. Composta por outros casos do uso do SE (apassivação e hipercorreção), os processos materiais e mentais também são recorrentes. Como os artigos são da área de Ciências Biológicas, processos que indicam ações concretas, como *adicionar*, *isolar* e *medir*, são recorrentes. Além disso, como é comum ao processo de pesquisa, há a necessidade de análises, observações e reflexões, ideias representadas por processos mentais como *analisar*, *avaliar* e *observar*.

Com base nas ocorrências encontradas, optou-se pela divisão dos excertos em grupos, relacionados aos participantes na posição pós-verbal (os quais são entendidos como argumentos verbais do tipo objeto). Essa metodologia se difere de trabalhos anteriores, como o de Morais (2013), a qual optou por dividir o SE em grupos pautados em efeitos semânticos (construções com desfocamento de sujeito, construções médias<sup>15</sup> e construções agnatas<sup>16</sup>). A divisão é um caminho para facilitar a análise do uso do SE feito pelo falante. Assim, chegou-se a três grupos principais:

---

<sup>15</sup> Aqui também são analisadas as construções com voz média.

<sup>16</sup> Construções em que o uso do SE com o verbo muda a semântica deste, como em *encontrar-se* no sentido de *estar*.

- 1 – SE + números;
- 2 – SE + participante simples (um núcleo);
- 3 – SE + participante complexo (dois ou mais núcleos).

Numa primeira observação, percebeu-se que tais participantes podem influenciar a ausência da concordância, já que, para o pesquisador, a marcação do plural, morfológicamente, pode ser um indicativo de que a estrutura construída apresenta sujeito e verbo. Para melhor entender essa análise, apresenta-se uma ocorrência peculiar encontrada no corpus:

(18) (...) este resultado foi satisfatório por **se tratarem de** *micro-organismos patogênicos* que representam risco à saúde do consumidor (BRASIL, 2001).

No exemplo acima, notam-se dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, o clítico SE ocupa uma posição pré-verbal que, como visto aqui, não é a preferida pelos falantes. Em segundo lugar, o verbo em questão, *tratar*, ao ser acompanhado pelo SE, necessita de preposição, tornando-se transitivo indireto, na análise tradicional. Nessas construções, há indeterminação do sujeito e o único argumento verbal ocupa a posição de complemento do tipo objeto, não havendo relação de concordância. Contudo, o que se observa no excerto acima é justamente uma concordância entre verbo e o núcleo do participante. Pode-se analisar que tal processo ocorre, pois o argumento pós-verbal é interpretado como sujeito do verbo, assemelhando-se às construções passivas sintéticas. O exemplo é um caso de hipercorreção, como analisa Mattoso Câmara (2002), pois, na ânsia de não cometer desvios da GT, o falante emprega as regras em contextos nos quais elas não são necessárias. Esse caso será visto melhor a seguir.

Mediante ao exposto, parece plausível partir de uma análise em que o argumento do verbo seja central para o fenômeno em análise: a falta de concordância verbal em estruturas com SE apassivador. A seguir, são apresentados os três grupos bem como suas respectivas análises. Ainda nessa seção de discussão de resultados, serão apresentados mais dois fenômenos, a título de reflexão: o uso do SE indeterminador com verbos transitivos indiretos

no plural (como o exemplo 18, caso de hipercorreção) e a ocorrência do SE apassivador com argumentos verbais do tipo sujeito complexos, caso de apassivação.

### 8.1 Grupo 1: SE + numeral

Como tem sido abordado até então neste trabalho, a diferença principal entre o SE apassivador e o SE indeterminador é perceptível quando as sentenças estão no plural. Quando indeterminador, o SE atrela-se a um verbo no singular embora o argumento verbal principal esteja no plural. Esse fenômeno pôde ser percebido, no corpus, principalmente em ocorrências como:

(19) Com relação ao período entre o primeiro e o segundo estro pós-parto, neste estudo **encontrou-se**  $17,5 \pm 0,61$  e  $8 18,4 \pm 0,82$  dias para o grupo de amamentação contínua e controlada, respectivamente, sem que se tenha observado diferença estatística ( $P > 0,05$ ) entre os dois grupos.

Em destaque, percebe o uso de um processo mental, *encontrar*, mais o clítico SE seguidos de números os quais acompanham o núcleo dias. O participante pós-verbal, nos conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional hallidiana, é chamado de Fenômeno, o qual é percebido por um Experienciador, omitido no exemplo (19). Na amostra, ainda que haja uma palavra marcada, morfologicamente, no plural, nota-se que o verbo permanece no singular. A hipótese seria de que a presença dos números, que são ideias plurais sem marcação morfológica, influenciaria no uso do SE apassivador. Obviamente, outros aspectos devem ser considerados: o argumento verbal aparece numa posição, tradicionalmente, ocupada por Fenômenos (objetos, na nomenclatura tradicional). Além disso, como já discute Nunes (1991), o SE absorve funções dentro da estrutura, gerando a ideia de impessoalidade. Contudo, o fato de haver os números chama a atenção, já que eles reforçam um apagamento, para o falante, de um participante que poderia ser entendido como sujeito. Ainda, deve-se considerar que, conforme Maciel (1922), a passiva com o SE só ocorreria em casos em que o sujeito fosse [- humano] ou não pudesse exercer a ação verbal. Contudo, para o falante, não é o que ocorre. A seguir, há outro exemplo que será usado para explicar o que se propõe:

(20) A seguir, **misturou-se** 10 mL do soro diluído 1:100 no tampão de lavagem.

Em (20), o processo material *misturar* tem como Meta o participante *10 ml do soro diluído 1:100*. Seguindo a teoria de Maciel (op. cit.), há um caso de voz passiva, já que o argumento verbal não pode executar a ação (o soro não pode fazer a própria mistura). Todavia, há uma quebra da relação sujeito-verbo, visto que ambos não concordam em número plural. Se o sujeito representa um número maior que 1, tradicionalmente, o verbo deveria ir para o plural: *misturaram-se 10 ml do soro*. Na teoria de Almeida (1992), frases como a presente em (20) corresponderiam a *10 ml de solo diluído foi misturado*, configurando erro. Para o falante, por outro lado, não parece ser essa a interpretação. Conforme Halliday e Matthiessen (2004), se língua é instrumento, formas diferentes servem a propósitos diferentes. Assim, as tradicionais voz passiva sintética e voz passiva analítica não poderiam ser entendidas como sinônimas.

No exemplo em (20), talvez seja possível defender melhor a hipótese do participante encabeçado por um numeral. Note-se que o argumento não é tão estendido como o exemplo em (19). Assim, não seria difícil ver uma relação de concordância entre processo e argumento. No entanto, ela não acontece. É válido ressaltar o efeito de impessoalidade conferido ao trecho. O processo material *misturar* obviamente é realizado por um agente, um Ator, o qual não é expresso no texto. Isso se dá pois, como discutido, o objetivo do texto acadêmico é o apagamento de uma figura agentiva para que o foco recaia sobre a ação realizada. Nesse caso, conforme Said Ali (2008), o SE serve como forma de silenciamento do agente.

Para este primeiro grupo, a maioria dos exemplos levam em comum o argumento verbal expresso por um número, que pode ou não ser seguido de um núcleo no plural. Essa forma, quase cristalizada, parece uma excelente estratégia para descrição de metodologia e apresentação/ análise de resultados. Para a estruturação do gênero artigo científico, nos preceitos de Hasan (1989), essas estruturas linguísticas marcam partes padronizadas, ou seja, aquelas previsíveis na composição do gênero. Este pode ser mais um indício que explica o emprego do SE nesses textos, já que a estratégia é uma escolha linguística

que, para além do conteúdo que carrega, apresenta outras informações, como a intenção de afastamento da figura do autor em relação ao texto. Nos exemplos (21) e (22), a seguir, vê-se como o SE é empregado para indicar metodologia e resultado, respectivamente:

(21) **Mediu-se** 50 mL de solo em becker e transferiu-se o conteúdo para balde de plástico.

(22) Para C. limonia **obteve-se** 7%, enquanto que o rendimento dos óleos foi 1,24%, 1,48% e 1,85%, respectivamente.

Em (21), o processo material *medir* também encerra uma ideia de voz média. Para Halliday (1985), essas estruturas indicam processos auto-causados, têm como participante principal o Meio e descrevem eventos sem participante externo. No exemplo, a ideia que se percebe é a medição de um valor ocorrida por si só. Repare-se que nessas estruturas não é possível acrescentar um participante que ocupe a função de agente. Se (21) fosse transposto para voz analítica, seria possível dizer que *50 ml de solo foram medidos por alguém*. A presença de um controlador do processo poderia ser marcada. A escolha de uma forma em que o agente não possa figurar revela uma intenção clara do falante. Embora se discutam as diferenças entre o SE médio e o SE indeterminador, os efeitos obtidos são bem próximos. Deve-se considerar, também, que, para Brown & Miller (2016), o conceito de voz se relaciona à percepção dos eventos. A média, como visto, está entre uma ideia ativa e uma passiva. A indeterminação ocorre em casos de voz ativa sem sujeito explícito. Assim, em (21), novamente, a ação expressa parece se desenrolar por si mesma. Já em (22), a omissão do sujeito reforça, como já defendido, o foco na ação. Há de se mencionar que, como caso isolado, o número não é seguido de núcleo plural.

Os outros exemplos, apresentados a seguir, seguem formatos parecidos e repetem as funções de descrição de metodologia – (23) a (25) – e apresentação de resultados (26):

(23) Em seguida, **inseriu-se** 100µL das emulsões dos óleos essenciais (...)

(24) Logo após nova homogeneização e centrifugação durante 60 segundos em 12.000 rpm, **transferiu-se** 300 µL de cada amostra para uma placa de 96 poços (...)

(25) Logo em seguida, **adicionou-se** 100  $\mu\text{L}$  de cloreto de vanádio e 200  $\mu\text{L}$  de uma mistura de sulfanilamida e naftiletlenodiamino.

(26) Não houve diferença estatística entre o peso dos animais dos três grupos, nos quais **observou-se**  $3,73 \pm 1,32\text{kg}$ ,  $3,10 \pm 0,89\text{kg}$  e  $2,83 \pm 0,57\text{kg}$  nos grupos Controle, Eletroacupuntura e Morfina, respectivamente.

No geral, o que se vê é o apagamento do sujeito com o SE indeterminador ou mesmo médio. Conforme afirma Halliday (2004), é especificidade da voz média expressar um evento como que desenvolvido por si mesmo, como em (23), (24) e (25), sem agente explícito que o inicie. A estratégia parece produtiva, uma vez que confere o tão desejado efeito de impessoalidade discursiva para o texto acadêmico. Em relação à intenção comunicativa, tomando por base as metafunções da linguagem, nota-se que os processos apresentados, sejam mentais ou materiais, não preveem seus respectivos Experienciadores e Atores, focando apenas no núcleo da oração. Como visto, a transitividade, base da metafunção ideacional, para a LSF, é a responsável por traduzir as experiências do falante. Para além de um conceito atrelado ao verbo, ela diz respeito à oração integralmente, incluindo participantes e circunstâncias. Se, na concepção do falante, o participante responsável por iniciar uma ação é dispensável, há aí um objetivo comunicacional. Objetivo este que se reflete na metafunção interpessoal, já que esta estratégia linguística fornece alguns aspectos importantes para marcar a relação autor-leitor:

- a) Por não prever a presença de um agente, a estrutura com o SE permite a marcação da impessoalidade, fazendo com que o autor não precise revelar sua presença no texto.
- b) Como o SE representa uma ideia de ação auto-causada (média) ou sem agente explícito (indeterminador), o leitor não se sente constrangido com a figura que alguém que se coloca como detentor de um conhecimento. Ocorre uma relação de solidariedade entre emissor e receptor; afinal, há a partilha de conhecimento, não a imposição de uma figura de autoridade sobre uma figura de subordinação.

As ideias até então apresentadas permearão a análise do outros grupos. Contudo, será notado um enfoque na questão sintática do uso do SE. Isto é, a posição que ele ocupa na oração e os efeitos que isso acarreta para o texto e a morfologia do verbo. Para o próximo grupo, foram analisadas as ocorrências do SE com argumentos simples, de apenas um núcleo.

## 8.2 Grupo 2: SE + participante simples (um núcleo)

O segundo grupo, formado pelas ocorrências em que o argumento verbal aparece de forma simples no que tange o número de núcleos (apenas um), é o maior em número de aparições. São 25 casos em que, embora a estrutura em que o SE aparece não represente uma situação que impeça o falante de ver claramente a relação sujeito-verbo, não ocorre a concordância verbal, como no exemplo que se segue:

(27) Nas condições utilizadas nesse estudo para extração dos óleos essenciais de *C. nadius*, *S. montana* e *C. limonia*, além da caracterização química, **observou-se as variações** no rendimento e umidade.

Nos exemplos do Grupo 1, em que aparecem os participantes com números, foi possível tecer uma análise mais lógica em relação a ausência de concordância. Por outro lado, para o grupo 2, a análise que se propõe é a aquela já apresentada por Nunes (1991): o SE parece absorver argumentos verbais, sendo percebido como índice de impessoalidade. Assim, a sua simples presença, independentemente do tipo de verbo que acompanha, já é o suficiente para que haja o processo de impessoalização. Ideia defendida por Said Ali (2008), o qual também desconsidera a regência do verbo para uso do SE desagentivizador. No exemplo em questão, nota-se uma estrutura relativamente simples: processo mental, SE, Fenômeno. Todavia, a suspensão da interação entre verbo e complemento, nos conceitos tradicionais, parece endossar a análise proposta. Da forma como a sentença se apresenta, há mais semelhanças com uma organização de sujeito indeterminado do que um sujeito apassivado. Assim, não seria impossível propor uma análise em que, conforme Nunes (op.

cit.), o SE apassivador esteja bem mais próximo do SE indeterminador do que até então se supunha.

Em outras amostras, há algumas variações das estruturas em análise. Nos próximos exemplos, (28) e (29), vê-se que o clítico SE não ocupa sua posição canônica, pós-verbal:

(28) Outros autores têm mencionado diversos procedimentos quanto ao tempo e temperatura de exposição da carne de pescado para prevenção da anisakiase, como o congelamento a  $-35^{\circ}\text{C}$  por 15 horas, ou a  $-20^{\circ}\text{C}$  por 7 dias ou na cocção, **se recomenda** temperaturas internas de  $63^{\circ}\text{C}$  por 15 segundos ou mais (...)

(29) Entretanto, para esse estuário **se recomenda** estudos posteriores específicos que permitam a criação de uma fórmula para calcular o IET do amônio (nitrogênio amoniacal) ou o IET do nitrogênio dissolvido total (IET NDT) (soma do amônio, nitrito e nitrato), pois as análises desses fitonutrientes são rotineiras nesse estuário e os dados muito freqüentes na bibliografia local.

Embora o SE não ocupe a função prototípica pós-verbal, a função permanece. Ainda que destoante do primeiro exemplo, esta ocorrência se mostra mais concreta para reforçar as ideias aqui defendidas. O SE tem sido empregado como marca desagativizadora; logo, sua posição na sentença talvez não tenha tanta importância, visto que o relevante é seu significado atribuído ao texto. Inclusive, sobre o SE, Dutra (2015) mostra, em seu trabalho, casos em que o clítico tem desaparecido de construções impessoais, indicando um fenômeno pós-SE desagativizador. Há outras ocorrências como a apresentada. Deve-se apontar que existem casos de diferentes naturezas, indicando que a concepção do falante sobre a função da partícula SE tem se sobreposto à própria prescrição gramatical. Prescrição esta que também reconhece esse uso (BECHARA, 2001, 1999; CUNHA, 1975). Nos próximos exemplos, são vistos casos em que o SE deveria vir, obrigatoriamente, antes ou depois do verbo, configurando próclise ou ênclise, respectivamente. A posição do clítico, como se vê, tem se tornado fluida, em oposição ao que foi percebido nos dados gerais de ocorrência do SE. As amostras que se seguem são raras, mas indicam outro fenômeno a ser considerado:

- (30) A partir do cálculo dos IET para a clorofila a, para o fósforo total e para o fosfato do canal e das águas rasas, **se obteve os valores** dos IET totais para cada local amostrado nos diferentes períodos (...)

No exemplo (30), de acordo com GT, o clítico deveria vir após o verbo, pois não deve haver próclise após vírgulas, ponto final ou em início de parágrafos. Na estrutura, o uso da ênclise permite gerar uma estrutura ainda mais prototípica da forma verbo-complemento, já que ocorre uma sintaxe em que aparecem o processo mental e seu participante, sem nem mesmo o intermédio do clítico. Ainda, vê-se que o participante de núcleo simples também reforça a estrutura.

Em outros exemplos, (31) e (32), vê-se movimento contrário: o SE, pós-vírgula, segue a ênclise, posição mais frequente, como visto em (33) e (34):

- (31) No sol, **observou-se** *animais* com alta taxa de sudação e baixa temperatura superficial da axila.
- (32) Análise macroscópica das formulações Realizada após 24h do preparo das amostras e durante todas as avaliações, **observou-se** as *características* organolépticas e a homogeneidade das formulações (Ferrari, 1998).
- (33) No trabalho em análise, também **observou-se** *períodos* de anestro, traduzidos por níveis de progesterona abaixo de 1 ng/mL e período com atividade ovulatória (>1ng/mL).
- (34) Durante um ano **acompanhou-se** as *características* morfológicas do pelame de 22 vacas mestiças Holandesas x Gir, de composição  $\frac{1}{2}$  e  $\frac{3}{4}$  de Holandês.

Com base nessas ocorrências, que ora fogem às prescrições gramaticais, ora as seguem, as análises desta dissertação se inclinam para um olhar que passa a entender o SE como marca do discurso impessoal, não importando sua posição. Esse olhar, defendido por Nunes (1991), Bagno (2000) e Duarte *et alii* (2003), é bastante rico no que tange ao uso dessa estratégia no texto acadêmico.

Ainda dentro das ocorrências com argumentos verbais simples, outro par chama a atenção. São casos em que o pronome é atraído para a posição proclítica devido a uma palavra atrativa. Para a GT, o pronome deve vir antes do verbo quando algumas classes o atraem, como advérbios e pronomes relativos. Nos dois trechos apresentados, há a presença do advérbio “quando”.

Comparando-se com os exemplos anteriores, a suspensão das regras gramaticais parece ser parcial. Essa fluidez do uso do SE, respeitando ou não às prescrições, revela uma natureza interessante do clítico: a sua mobilidade não influencia em sua semântica.

(35) A importância da IGA vem crescendo nos últimos anos devido à globalização das criações e do melhoramento animal (KOLMODIN & BIJMA, 2004), tornando-se um Fator de relevância quando **se seleciona animais** considerados superiores.

(36) Sabe-se que quanto maior é a escala de trabalho, mais heterogêneo é o ambiente (FORMAM & GODRON, 1986), e a heterogeneidade espacial em rios é complexa e evidente quando **se analisa** múltiplas *escalas* espaciais (SCHLOSSER, 1991).

Como tem sido reforçado ao longo das análises, o que se apresenta aqui são evidências de um fenômeno em processo. O corpus constitui um pequeno recorte da língua em uso e a seleção do SE desagentivizador é um subgrupo ainda menor. Há de se considerar, porém, que os exemplos são legitimados pelo uso que o falante faz deles e representam uma aceitação desse emprego peculiar do clítico, fato que promove a gramaticalização do clítico. No excerto a seguir, há uma ótima oportunidade para melhor entender a percepção do falante em relação ao SE e seus argumentos. Na passagem, há quatro ocorrências com a partícula:

(37) Comportamento semelhante foi observado para a variância residual, que foi ligeiramente superior para o modelo V do que no modelo II, evidenciando que *os dados analisados* **apresentam-se** melhor ajustados ao **se considerar** apenas os *efeitos* aditivo direto e de ambiente temporário da mãe.

(38) No experimento 2, realizado entre os dias 15 de dezembro de 2007 á 15 de janeiro de 2008, **utilizou-se** *larvas* de 31 a 62 dias, alimentadas com metanúplios de *Artemia franciscana* e com ração comercial (NRD, INVE Aquaculture, Bélgica).

(39) **Utilizaram-se** *ovos* de robalo-peva originados de indução hormonal à desova de reprodutores do plantel do laboratório, segundo método descrito por Cerqueira (2004).

Em (37), na primeira ocorrência do SE, o argumento ocupa a posição pré-verbal, comum ao sujeito. Note-se que a concordância em número é seguida,

corroborando para a teoria de que a posição do argumento verbal contribui para seu uso. Na segunda ocorrência, ainda em (37), há um agravante para a concordância: o verbo encontra-se no infinitivo. No discurso mais monitorado e condizente com a GT, o uso de verbos no infinitivo seguidos de sujeito deve ser feito na forma infinitiva pessoal, isto é, o verbo deve apresentar desinência de número. Porém, a ausência de outras desinências verbais, como a modo-temporal, direciona o falante a perceber o verbo apenas como uma forma pura, destituída de marcações. Logo, não é irracional argumentar que a ausência de concordância, na amostra, está atrelada a três aspectos: verbo no infinitivo, posição do argumento verbal e marcação do discurso impessoal.

O que varia, e é interessante para a análise, é a posição dos argumentos. No primeiro caso, a expressão *os dados analisados* aparece antes do verbo; no segundo, *os efeitos aditivo direto e de ambiente temporário da mãe* está em posição pós-verbal. Essa diferença sintática aparenta causar a aparente assimetria nas concordâncias. Na primeira, o participante se assemelha em número, plural, com o verbo; na segunda, não há a mesma concordância, embora o participante esteja do plural. Essa distinção leva à conclusão de que, para o autor, a posição do argumento em vista da construção verbo + SE é decisiva para a concordância, já que no primeiro caso há sujeito, em sua posição prototípica, e, no segundo, o argumento é entendido como objeto, também em posição prototípica. Em (38) e (39), percebe-se que as duas estruturas são bastante semelhantes: processos materiais acompanhados de SE e suas respectivas Metas. No entanto, não há concordância como em (38) como em (39). Isso revela que o uso do SE como desangetivizador ainda não é unânime. Como se trata de um processo em evolução, a variação/ co-ocorrência dos usos é esperada.

O que se conjectura, a partir dos exemplos, é a relevância da sintaxe para o uso do SE indeterminador, ou seja, a posição do argumento verbal em relação ao verbo. A suposição feita é a de que, para os argumentos, a posição pré ou pós-verbal é pertinente. Já para a própria sintaxe do SE, parece não haver uma decisão que afete estrutura ou conteúdo.

Em (40), exemplo a seguir, vê-se ocorrência parecida com (37), em que há verbo no infinitivo. Em (41), há o uso de acordo com a GT:

- (40) Cramer & Wehner (1999) também relataram a possibilidade de **se obter linhagens** tão produtivas quanto os híbridos em pepino, por causa da pequena depressão endogâmica nesta espécie.
- (41) Para as características de fruto, observou-se que, apesar de **se colherem os frutos** com um tamanho padrão, *houve diferenças* significativas para comprimento e diâmetro de fruto, assim como para a relação comprimento/diâmetro (Tabela 2). Isto deve ter ocorrido por causa das características intrínsecas de cada material.

As estruturas seguem a forma de (37): preposição + SE + verbo no infinitivo + argumento. Se o que se tem defendido até então é o uso impessoalizador do SE, gerando a não marcação de plural, a aplicação de um verbo que abdica de suas desinências só vem para reforçar a neutralidade da construção. Porém, em (41), vê-se que o falante domina regras da gramática, pois faz uma concordância que pode ser considerada complexa.

O último caso que se analisa nesta seção são as ocorrências em que, além do participante dito simples, o SE acompanha locuções verbais organizadas com verbo auxiliar dever/poder e verbo principal no infinitivo. Nesse contexto, há co-ocorrência de aspectos influenciadores da impessoalização: verbo no infinitivo e distância entre verbo conjugado e seu possível sujeito. Para esses tipos, foram encontradas três passagens, de (42) a (44). Os exemplos em (45) e (46) configuram casos em que a concordância prescritiva é seguida.

- (42) Em posse das medidas biométricas, **encontrou-se diversidade** fenotípica dentro da raça Santa Inês (Tabela 4) e, posteriormente, **deve-se averiguar as causas** dessa diversidade (...)
- (43) Ao estudar os componentes principais **pode-se plotar os escores** relativos referentes aos dois primeiros componentes em um gráfico (...)
- (44) **Pode-se interpretar**, portanto, as "*Parcelas de cochayuyo*" como uma forma costumeira de estabelecer direitos territoriais de pesca (...)
- (45) Esse é o caso do veneno de uma jararaca, por exemplo, em que **se podem isolar princípios** ativos relacionados ao controle da pressão arterial, a fim de se produzir um anti-hipertensivo, ou de um bactericida, isolado de uma planta, que evoluiu justamente como defesa contra microorganismos de seu ambiente.
- (46) Na Tabela 1 **podem-se observar** os valores de halos inibitórios para cada bactéria e OE.

O que se supõe é que, num primeiro plano, o afastamento entre verbo auxiliar e o argumento seria um condicionador para a impessoalização do SE. Isso pelo fato de, na visão do falante, o processo e o participante não estarem próximos o suficiente para estabelecerem relação de concordância. Além disso, o verbo principal, no infinitivo, configura-se como os outros exemplos já mencionados: não há desinências indicam número, mesmo que a concordância não seja feita com este verbo.

Nos três últimos exemplos do grupo 2, apresentam-se mais casos que marcam o uso do SE para as seções de apresentação e discussão de resultados, estratégia bem comum vista nas amostras do corpus. Assim, para além de uma estrutura cristalizada, o SE desagentivizador também apresenta uma posição que vem se consagrando no texto.

(47) **Propõe-se** adaptações aos métodos atualmente utilizados, para que todas as zonas verticais dos sítios possam ser estudados de forma acurada, e que determinadas espécies coralíneas ou de categorias indicadoras não sejam subestimadas ou superestimadas.

(48) Verificando a Tabela 5 onde consta apenas o efeito direto e indireto via altura, vigor, %MSC, %MSF, %MSPI e RFC, da variável PMV, analisada sem os efeitos das variáveis PSC e PSF sobre PMS, **confirma-se as afirmações** anteriores.

(49) **Obteve-se** correlações genéticas negativas de média a alta magnitude, da maciez, com as características de cor e capacidade de retenção de água.

Na próxima parte, serão apresentados os casos considerados complexos, em que o SE vem seguido de participantes compostos por dois núcleos nominais. O número deveria influenciar a concordância, mas ainda se defende a ideia de como a posição do argumento, pós-verbal, tem papel de destaque na impessoalização do SE.

### 8.3 Grupo 3: SE + participante complexo (2 ou mais núcleos)

O terceiro grupo de ocorrências com o SE indeterminador compreende organizações em que o argumento verbal é composto do um participante de

núcleo nominal de dois núcleos, ambos no singular. Essas formas foram chamadas de complexas porque demandam uma análise mais atenta do falante, o qual precisaria entender que, na forma passiva, haveria um sujeito apassivado posposto formado por duas partes, configurando concordância plural. Contudo, essa relação é de difícil percepção, visto que, dentro de todas as ocorrências, é a que mais prejudica o entendimento de uma relação verbo sujeito. Em sequência, expõe-se um dos exemplos do grupo 3:

(50) A cada dia, porém, **torna-se** mais importante *o estudo e a conservação* desses fascinantes animais que possuem uma biologia reprodutiva diferente de outros mamíferos (MALTA & LUPPI, 2007).

O argumento verbal com dois núcleos, tradicionalmente chamado de sujeito composto não realiza a concordância com o verbo, como já exposto. Talvez, o que ocorre é algo parecido com os argumentos chamados de simples: há semelhança no formato de verbo seguido de objeto. A diferença é que parece que se trata de um objeto com dois núcleos. Outra diferença é a ausência de marcas morfológicas de plural. Com os participantes simples havia a marcação de número. Nos casos acima, entretanto, os dois núcleos estão no singular, reforçando ainda mais a impessoalização do verbo. Outro exemplo segue o mesmo padrão apresentado. Há uma desconfiguração de qualquer estrutura a qual poderia indicar uma relação de verbo e sujeito passivo:

(51) Como para o estuário da Lagoa dos Patos não se recomendou o uso da transparência no cálculo do IET total e **se incluiu** o *fosfato e o nitrogênio* total (...)

Nesse recorte, assim como no anterior, todos os núcleos vêm determinados por artigos, o que deixa mais marcada a presença de cada um. Inclusive essa marcação é levada em conta, pela GT, para a concordância. Em casos como *É necessário permissão* e *É necessária a permissão*, é o artigo que orienta concordância de gênero. Também, em casos como *É necessário medidas* e *São necessárias as medidas*, o número é regido pelo artigo. Desta forma, seria esperada a concordância orientada pela Gramática Tradicional, o que não ocorre. Em (52), há outro exemplo do fenômeno. É fato que essas

estruturas representam um agravante para a concordância, visto que demandam do falante um olhar mais atento e monitorado em relação à língua padrão.

(52) Contudo, não pode-se afirmar que esta espécie seja micorrízica obrigatória, considerando o conceito explicitado anteriormente e as condições em que esses estudos foram realizados, uma vez que não **avaliou-se** o *crescimento* e o *desenvolvimento* de plantas de catuaba na presença e ausência de FMAs.

Por fim, há um último exemplo que cabe ser avaliado. Trata-se de uma ocorrência em que há argumento completo após locução verbal:

(53) Dentre as bactérias contaminantes de alimentos e relatadas como agentes causadores de doenças veiculadas por alimentos, **pode-se** **mencionar** *Escherichia coli* e *Staphylococcus aureus*.

A sentença em destaque reúne boa parte dos aspectos para a indeterminação verbal até então discutida. Há afastamento de verbo e argumento, há verbo no infinitivo, há argumento em posição de complemento, há dois núcleos de participantes sem marcação de número plural. Esse exemplo ajuda a chegar ao final do espectro de justificativas para a falta de concordância verbal quando há o SE apassivador entendido como indeterminador.

Na próxima seção, serão abordadas outras ocorrências do SE. Porém, trata-se de questionamentos e reflexões sobre o uso do SE, pois serão vistos dois casos que chamam a atenção: o uso do SE apassivador em estruturas complexas e a hipercorreção do SE apassivador.

#### 8.4 Apassivação e Hipercorreção

O foco deste trabalho tem sido as ocorrências do SE apassivador em estruturas que seguem a forma de indeterminação do sujeito, precedendo da concordância verbal. Contudo, outros dois fenômenos vieram à luz de análise por se contraporem ao objeto de pesquisa. Como visto na seção anterior, quando o argumento

(54) Em ambos os ensaios, **avaliaram-se** a produção de conídios, além da biomassa micelial nos meios líquidos e a viabilidade de conídios nos sólidos.

(55) Dentre as questões apontadas, **destacam-se** a necessidade de identificar os antecedentes históricos que determinam a emergência de uma Área Marinha Protegida e a *consideração* do arcabouço institucional de uso e conservação dos recursos naturais (regras costumeiras e legais) no qual se inserem (CHUENPAGDEE et al.,2013).

Os exemplos (54) e (55) são vistos dois casos destoantes do que tem sido apresentado neste trabalho: o argumento verbal, até então entendido como objeto, agora atua como sujeito, fazendo a concordância em número com o verbo. Ademais, os dois exemplos apresentam argumentos bastante extensos, em especial o segundo, o que seria um aspecto dificultador da concordância. No entanto, o falante optou por seguir a orientação da GT. Questiona-se o porquê de tal fenômeno, uma vez que, dentre os três grupos destacados, o terceiro demonstrou ser o mais desafiador para que a sentença seja vista como passiva e não impessoal.

Em outros exemplos, foi percebido um uso do SE que só pode ser explicado tomando a GT e suas prescrições cristalizadas. Foram encontrados no corpus períodos subordinados com orações substantivas as quais exercem função de sujeito. Contudo, de acordo com a GT, nesses casos, não há concordância do verbo com o respectivo sujeito, visto que se trata de um argumento com núcleo verbal. Os quatro exemplos a seguir ilustram o que foi comentado:

(56) **Observaram-se** que 100% das amostras de linguiça tipo frescal produzidas artesanalmente e sob inspeção demonstraram a presença de coliformes termotolerantes (Tabela 1), grupo de micro-organismos utilizado na determinação de condições higiênico-sanitárias na produção de alimentos, segundo ALMEIDA et al. (2002).

(57) Sendo assim, e considerando os dados encontrados no presente estudo na contagem de *Staphylococcus*coagulase positiva, **verificam-se** que esses se assemelham aos encontrados por BARBOSA et al. (2003), ao avaliarem 22 amostras de linguiças frescas de carne suína comercializadas no município de Sete Lagoas (MG).

(58) Do total das oito amostras de gelo analisadas, **constataram-se** que seis (75%) estavam contaminadas por coliformes totais e termotolerantes, e duas (25%) por *E. coli* (Tabela 1).

(59) Neste estudo, **verificaram-se** *que todas as embarcações* traziam a bordo mais de duas espécies de pescado.

Observa-se que, mesmo com a presença da conjunção *que*, a qual indica a relação de subordinação e afasta o verbo do argumento, o falante insiste em manter a concordância verbal. Assim, nota-se um movimento oposto a outros exemplos: a concordância é feita em uma estrutura passiva em que ela não é prevista nem deve ocorrer, segundo a gramática tradicional. Nesses casos, de hipercorreção, como afirma Mattoso Câmara (2002), o falante preocupa-se em excesso com o uso formal da língua. Tal preocupação gera o uso das regras gramaticais em contextos nos quais elas não deveriam figurar.

Por fim, há um caso isolado que chama a atenção: a mistura de voz passiva com sujeito indeterminado. No exemplo seguinte, o verbo transitivo indireto, pré-requisito para a indeterminação do sujeito, encontra-se no plural, como se houvesse uma voz passiva:

(60) É interessante salientar que **se tratam de trabalhos** com banco de dados de tamanhos diferentes, além de metodologias diversas.

Nesse caso, parece haver uma mescla de estruturas ou mesmo um exemplo de hipercorreção em que o falante confunde as duas funções do SE. O fato é que esse uso indica que há um mau entendimento, por parte do falante, em relação ao SE. Na verdade, há uma concepção opaca dessa partícula, revelando que ora é entendida como apassivadora, ora como indeterminadora. Independentemente de como o usuário da língua a enxerga, seu uso está concretamente atrelado à ideia de impessoalização.

Na última seção de apresentação das ocorrências, será apresentado um último caso, infrequente no corpus, mas que merece atenção por ser um fenômeno observado em outros trabalhos, como os de Marciano (s/d, não publicado).

## 8.5 A formalização do TEM-SE

Entre as amostras do subcorpus, há uma que, embora infrequente, surge como uma marca característica de informalidade, mas que ganha espaço no

artigo acadêmico, como discutido por Marciano (s/d, não publicado). A estrutura TEM-SE, também contabilizada para as ocorrências do SE indeterminador, configura-se como uma estratégia que deve ser discutida. De início, apresenta-se o excerto em que ela aparece.

(61) Em amostra nacional (Pereira et al., 2003), **tem-se** valores de 102 K 1.

O uso do ver TER + SE representa um caso muito particular. A marcação do plural do verbo, quando conjugado na terceira pessoal do presente do indicativo, não ocorre morfologicamente, mas graficamente com o acento diferencial (^). Assim, nesse contexto, é difícil analisar se não houve a concordância ou ocorreu apenas um deslize do falante. Contudo, Marciano (s/d, não publicado) demonstrou um uso frequente da construção TEM-SE/ TÊM-SE em textos acadêmicos as quais alternam a marcação do singular e do plural, revelando um processo parecido com aquele visto com o SE passivo e o SE indeterminador. O fato é que a estrutura também tem conferido efeitos de impessoalidade ao discurso, ainda que, segundo pesquisadores mais tradicionais, seja uma forma que apresenta maior relação com a oralidade. Afinal, vê-se uma mudança no paradigma de uso do verbo TER, até então relacionado, principalmente, à ideia de posse. Agora, o verbo assume sentido de existência, tal qual HAVER, sendo selecionado para a apresentação de resultados. Sobre essa relação, Marciano (op. cit.) analisa o contexto de ocorrência dos dois processos, revelando que a construção TEM-SE é preferência quando o argumento verbal é extenso.

Saraiva (2013) mostra, em sua dissertação, como a construção mencionada tem ganhado espaço no discurso acadêmico. Além disso, segundo a pesquisadora, o falante entende a estrutura ora como voz passiva, ora como sujeito indeterminado (p. 94). Assim, juntamente com o SE em sentenças passivas sem concordância, a construção TEM-SE reforça um processo de legitimação do discurso entendido como informal em textos formais, como abordam Hyland e Jiang (2017). É válido ressaltar que todas essas estruturas, para além da forma, adquirem função essencial para o texto acadêmico, que é a impessoalização discursiva.

Na próxima seção, discute a questão da voz média e como ela está relacionada às amostras recortadas do corpus. O objetivo é entender uma outra forma de impessoalização do discurso.

## 8.6 Voz média

Das amostras do subcorpus, foram retirados os exemplos de 38-41, os quais encerram processos que parecem ter sido causados por si sós. Isto é, configuram vozes médias, em que há um processo e uma Meta, pela qual a ação parece se desenrolar. Seguindo o mesmo efeito de uso do SE indeterminador, a voz média cancela a existência de uma agente interno. Contudo, como afirma Halliday (2004), há sempre um provocador externo do processo.

As ocorrências revelam mais uma estratégia interessante para conferir efeitos de impessoalidade ao discurso acadêmico. Conferem defende Camacho (2013), as médias também fazem parte do sistema verbal do PB.

(62) Dentre esses **se destaca** os estudos de Mercante & Tucci Moura (1999).

Como visto, no exemplo (62), o processo dispensa a presença de um agente. A ideia que se passa é a de um evento auto-causado, nos termos de Halliday (2004), já que não há a presença de iniciador da ação. Assim, a voz média também figura entre o repertório desagentivizador do qual o falante dispõe.

Assim, com base nas análises, percebe-se que a produção do artigo científico e o uso do SE estão dentro de um processo o qual permite ao falante chegar a seus objetivos comunicativos. O que se objetivou aqui foi entender os caminhos selecionados para que os desejos do falante fossem atendidos plenamente. A seguir, serão apresentadas possíveis reflexões futuras sobre o uso dessa pesquisa para o ensino de língua materna.

## 9 DISCUSSÃO: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Nesta seção, o que proponho é muito mais uma reflexão do que uma proposta concreta. Uma das minhas intenções ao estudar o uso do SE no texto

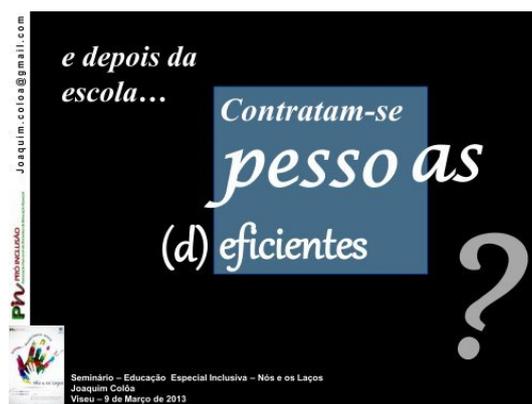
acadêmico era propor materiais didáticos voltados para esse tópico, principalmente no que tange à forma desaconselhada pela gramática tradicional: a ausência de concordância prescritiva com o verbo. No entanto, a reflexão que agora proponho é: como a escola tem lidado com as questões relacionadas à variação linguística? Devido às minhas experiências em sala de aula, sei que se esse conteúdo é abordado, inclusive por meio dos livros didáticos, no entanto, essas iniciativas nem sempre são suficientes para a compreensão ampla de certos fenômenos linguísticos.

O que penso, de forma mais geral, é se há espaço para discussões que considerem os usos variados das estruturas linguísticas e suas intenções comunicativas básicas. Afinal, como apresentei nos dados, o falante emprega formas não tradicionais, pois há um propósito por trás disso, no caso deste estudo, a impessoalização do discurso. Nesse sentido, o que tenho percebido em minhas experiências docentes é o ensino da língua voltado apenas para a gramática tradicional e para o reconhecimento de “erros”. Não há uma análise profunda que permita ao aluno entender que usos diferentes estão associados a intenções comunicativas diferentes. Conforme Perini (2000) discute, ensinar (ou afirmar) que existe apenas UMA estrutura em que o verbo, seguido de SE, concorda com seu argumento, é omitir um fato linguístico que é recorrente na língua portuguesa. Esse tratamento representa uma concepção equivocada de língua e contribui para que usos reais sejam marginalizados.

Meu objetivo não é propor que nós, professores, passemos a ensinar que não há voz passiva e que a única forma aceita é a ausência de concordância. Isso seria apenas trocar uma concepção equivocada por outra. O que proponho, como reflexão, seria: em sala de aula, não seria interessante que o aluno percebesse o que há por trás do uso que ele faz da língua? Essa proposta encontra respaldo em Halliday e Matthiessen (2004), por exemplo, uma vez que a língua é vista por eles como um recurso cognitivo-social para a interação e para a construção da cultura e do conhecimento. Nessa perspectiva, ensinar apenas uma ÚNICA forma com “correta” é impedir que o aprendiz reconheça e use todo o potencial linguístico de que dispõe; é prejudicar a promoção de um ensino crítico e reflexivo.

Em seu dia a dia, o estudante se depara com frases como as apresentadas nas figuras 7 e 8:

**Figura 7:** Cartaz de divulgação de seminário



Fonte: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12860001/e-depois-da-escolacontratam-se-pessoas-d-weebly>

**Figura 8:** Placa afixada em frente a uma casa



Fonte: <https://www.palavraimprensa.com.br/2016/08/25/pilula-de-portugues-voz-passiva-no-plural/>

Com explicar os dois fenômenos? Em 7, há um uso “correto” e em 8, um uso “errado”? Defendemos que não, já que os dois textos circulam, comunicam suas respectivas mensagens e são completamente inteligíveis. Qual dos dois usos mais se aproxima da fala do aluno? Provavelmente a frase da Figura 8, por se tratar de uma sentença mais coloquial que aparece em um contexto mais informal, representando uma situação que pode ser comum a vários falantes. Ao estabelecer as ideias de acerto e erro, não estaríamos negando os usos que o aluno faz ou pode vir a fazer da língua? O que discuto aqui são apenas ponderações, mas me parece que um caminho para uma resposta, ainda que não final, seria entender o ensino da língua como aquele pautado pela diversidade e pelo uso real. Ou, como propõe Bortoni-Ricardo (2005), um ensino embasado na “Sociolinguística Educacional”, chamada por Bagno (2005) de “Sociolinguística militante”, porque prevê um ensino crítico e libertador que

considere as várias formas de emprego da língua. Para os autores, devemos mostrar as possibilidades que podem ser alcançadas por meio da língua, para além de uma categorização de acerto e de erro.

Em frases como *Contratam-se (d)eficientes*, da figura 7, a possibilidade apresentada é a do uso formal, tradicional. Afinal, trata-se de um evento acadêmico, um seminário. O autor do texto sabe que seu público-alvo tem expectativas quando às informações apresentadas. O participante do seminário, ao se deparar com algo como *Contrata-se (d)eficientes* poderia questionar a qualidade do evento, ou mesmo questionar sua credibilidade. Devemos considerar que a língua carrega informações não só no campo do conteúdo da mensagem. Seu uso revela a identidade do falante: se culto/estudado, se marginalizado, se profissional, se leigo. Assim, em sala, devemos promover esse olhar sobre o texto para o aluno. Ele, o discente, deve, por isso, ser capaz de perceber o que o falante espera do texto e suprir essas necessidades.

A língua é, assim, um fenômeno dinâmico e saber lidar com esse dinamismo é ser poliglota. É entender que na frase *Aluga-se cômodos*, da figura 8, ocorre um fenômeno bastante comum: a percepção do elemento pós-verbal como objeto, e não sujeito paciente. E que tal fenômeno também é uma forma de uso estratégico. Comparando a frase em questão com o cartaz do simpósio, qual é mais formal? Qual será lida por um público mais específico ou mais diverso? Qual está mais preocupada com a veiculação da informação do que com a estrutura linguística? Será que alguém que procura um cômodo para alugar tem expectativas altas sobre o uso “culto” da língua identificado na placa? Ou a preocupação maior é com o estado daquilo que será alugado?

Sabemos que cada enunciado serve a uma função e é isso que devemos promover nas aulas de língua materna: o uso pautado na intenção comunicativa. Essa é a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2005): o aluno deve ser ensinado a adequar sua comunicação ao contexto que é apresentado. Eu sei, e percebo, que esta tarefa não é fácil. O caminho para desmistificar a existência do “erro de português” não é fácil. Porém, pesquisas como esta que desenvolvo podem ter papel fundamental para corroborar a ocorrência de formas inovadoras, destoantes da prescrição formal da GT. Trabalhos assim ajudam a desconstruir a ideia de erro que, para Bortoni-Ricardo (2005), nada mais é do que um falso conceito especificamente sociocultural, associado ao falante, não à questão

linguística. O “erro” atrela-se a preconceitos, já que quem “erra” geralmente faz parte dos grupos marginalizados socialmente.

Diante dessas considerações, na seção seguinte, apresento as considerações finais sobre esta dissertação, retomando as análises feitas e os resultados percebidos à luz das perguntas de pesquisa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa objetivou analisar ocorrências do clítico SE em artigos científicos retirados do Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro (CAPB) (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2018). O CAPB é formado por artigos de todas as áreas de avaliação da CAPES. Para este trabalho, fez-se um recorte da área de Ciências Biológicas, gerando-se um corpus com 3037 ocorrências do clítico SE. Este corpus serviu de base para se observar o uso do SE no discurso científico como forma de desagativização verbal, em especial, no que tange ao uso de construções que não seguem as prescrições da Gramática Tradicional quanto ao uso da voz passiva tradicional, isto é, estruturas em que o verbo não faz concordância com o sujeito.

O fenômeno em questão foi observado sob a ótica da gramaticalização do clítico SE. A intenção deste trabalho foi perceber um uso específico da partícula em questão: a marcação da impessoalidade em textos acadêmicos. O corpus revelou uma tendência de emprego do SE. Sua função tem sido basicamente a de indicar o apagamento do agente verbal. Assim, na visão do falante, a presença do SE abdica da presença de qualquer sujeito. Portanto, não deveria haver concordância verbal. Há uma preferência pela forma verbal singular, ainda que o sujeito da voz passiva esteja no plural. É interessante observar que este uso é frequentemente visto em contextos menos formais, em que a preocupação com as regras gramaticais é menor. Entretanto, parece haver uma migração dessas ocorrências para os contextos formais, como foi mostrado aqui.

Em relação à LSF e suas metafunções, observou-se que as sentenças acionam processos os quais selecionam apenas um participante: a Meta (em processos materiais) e o Fenômeno (em processos mentais). O agente ou é omitido ou é diluído. Sobre a metafunção interpessoal, nota-se uma relação

nivelada entre autor e leitor. Por se tratar de textos da esfera acadêmica e biológica, os escritores têm como público seus próprios pares. A impessoalização, aqui, pode ser entendida como marca de modéstia ou como forma de não comprometimento do pesquisador. Por fim, analisando-se a metafunção textual, atrelada à organização, notou-se a presença das estruturas com desagentivização verbal principalmente em seções de metodologia e apresentação/ discussão de resultado, já que, como exposto, o objetivo é mostrar o que foi feito ou descoberto, e não o agente desses eventos.

A partir dos dados coletados e das análises feitas, pôde-se responder aos questionamentos feitos na abertura dessa dissertação. Como primeira pergunta de pesquisa, questionou-se qual o padrão de uso do SE no texto acadêmico. Deve-se considerar que a partícula apresentou ocorrência significativa no corpus. É a décima sexta palavra mais comum, conforme mostra a Figura 1. Também se analisou seu contexto de ocorrência. Utilizando-se o *software Kitconc*© 4.0 (MOREIRA FILHO, 2016), pôde-se comparar a frequência de uso do SE em relação ao verbo. As amostras revelaram que, prototipicamente, o SE ocupa a posição pós-verbal, revelando sua natureza pronominal (a qual parece ser percebida pelo falante). Também, viu-se que o SE indeterminador tende a aparecer acompanhado de processos materiais e mentais. Assim, esses resultados serviram de norte para as análises seguintes, uma vez que tanto a sintaxe quanto o uso foram necessários para se justificar as amostras. Vale ressaltar que a posição enclítica é um fator contribuinte para que não haja concordância verbal. Nessa sintaxe, em que há verbos e informações pós-verbais (clítico e sujeito paciente), concebe-se, na verdade, uma organização de verbos e complementos, já que, tradicionalmente, a posição do sujeito é pré-verbal. Dessa forma, para o pesquisador, não há agente na estrutura.

Ainda em relação ao contexto de aparição do clítico, o que se percebeu foi uma tendência para o uso nas seções de apresentação de resultado. Na seção de Resultados e Discussões, há maior frequência, já que o foco se dá em relação ao que foi feito, descoberto ou apresentado, não em que executou a ação. Desta forma, a desagentivização verbal é mais produtiva nessa parte, na qual a ação executada é protagonista.

Uma segunda questão foi feita a fim de se pensar os motivos do uso do SE como indeterminador do sujeito. Segundo Nunes (1991), diacronicamente, o

SE passivo gera o indeterminador, sendo este último preferido para o apagamento do agente verbal. Logo, uma das principais motivações do seu uso é a visão que o falante tem desse recurso. Por conferir efeitos de impessoalidade discursiva, a estratégia é um recurso produtivo para o texto acadêmico.

A terceira pergunta tinha como cerne os efeitos de impessoalidade conferidos por meio do clítico SE, foco desta pesquisa. Observou-se que, ao discurso acadêmico, a neutralidade é dada por meio do SE empregado em estruturas que não preveem ou não aceitam a presença de um agente. Foi visto que, para o falante, presumivelmente, o SE é uma marca de impessoalização discursiva. Pode-se se fazer tal afirmação, pois, nos exemplos retirados do corpus, o que se notou foi a ocorrência de estruturas com o SE seguindo a forma tradicional de sujeito indeterminado mesmo quando esse não era o caso. Ou seja, para o falante, sujeito indeterminado e voz passiva sintética entram na mesma categoria de desagentivização verbal. Essa análise corrobora para a teoria de Bagno (2000), o qual afirma que, no PB, há apenas SE indeterminador e reflexivo. Seguindo Bybee (2003), este uso parece sofrer um processo de gramaticalização. Assim, cria-se uma construção, pareamento de forma e significado, em que a estrutura verbo+SE é selecionada para apagamento do agente. Ao se comparar o número total de SE no corpus e sua ocorrência em vozes passivas sem concordância (40), vê-se que há uma inclinação para esse uso.

Por fim, objetivou-se entender os efeitos discursivos causados pelo uso das construções mediais com SE. Tais aspectos puderam ser percebidos na análise da questão 2. A neutralidade do texto acadêmico é conferida pelo clítico, principalmente quando o objetivo é focar na apresentação de resultados. Por apresentar uma ideia auto-causada (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), a voz média configura-se como mais uma estratégia interessante para o apagamento da figura do escritor e o enfoque no desenvolvimento do processo. Como visto, em construções mediais, a ação parece se desenrolar por meio do argumento verbal que ocupa a posição de objeto, nos conceitos da GT.

Em trabalho semelhante, Marciano (s/d, não publicado) analisou a ocorrência da construção TEM-SE em textos acadêmicos de diversas áreas. Chegou-se à conclusão de que a estrutura tem a mesma função de impessoalização do discurso. O falante faz seu uso como forma de apresentar

informações sem a presença de um agente. Da mesma forma que foi vista neste trabalho, o SE geralmente aparece após o verbo TER, indeterminando o sujeito, prescindido até mesmo da concordância verbal. No trabalho em questão, foram encontrados exemplos como “(..) *tem-se gráficos* (...)”, em que o verbo TER não apresenta marcação de plural (*têm*). Somada a essa análise, a discussão em questão configura-se como mais um indício de uma escolha linguística que vem ganhado espaço em textos formais: o clítico SE como desagentivizador discursivo com apagamento de marcas de número.

Para trabalhos futuros, o que se objetiva é ampliar o corpus, incluindo diversas áreas do saber, como as humanas e as exatas, a fim de se comparar os usos do SE e averiguar se há a mesma tendência percebida nesta pesquisa. Ainda, pensa-se em gerar material para ensino do texto acadêmico, com foco nas estratégias linguísticas identificadas no trabalho. Essas são algumas ideias para o desenrolar daquilo que foi apresentado nessa dissertação.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Juliana Monteiro de. **A reinterpretação das construções passivas sintéticas**. 2011. 59 f., il. Monografia (Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pseudopassiva “sintética” ou Pseudopassiva “pronominal”**.

In:

Dramática da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.  
p. 219- 250.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. Vol. 1. Parábola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola, 2007.

BARBOSA, P.; KATO, Mary & DUARTE, Eugênia. 2003. **Sujeitos indeterminados em PE e PB**. Boletim da Associação Brasileira de Linguística 26. 405-9.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. Parábola Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, 263p.

BRITO, Susana Sousa. **SE passivo?**: pela derrubada da concordância com a qual ninguém concorda. 2007. 142 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BROWN, Keith; MILLER, Jim. 2016. **A Critical Account of English Syntax**. Edinburgh: Edinburgh U.P.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, Joan. **Mechanisms of change in grammaticization**: the role of frequency. In.: BRIAN & RICHARD (eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. **Gramática e variação no Português brasileiro**: considerações sobre ter~haver e de~em. In: COUTINHO, Maria Antónia. (Org.); LOBO Maria. *Textos Seleccionados - XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. 1 ed. Lisboa: Colibri, 2007.

CALLOU, Dinah; DUARTE, Maria Eugenia. **A fixação do verbo ter em contextos existenciais**. In.: *Actas do 20º encontro da APL*. Lisboa; APL, 2005.

CÂMARA JUNIOR, J. M (2002). **Manual de expressão oral e escrita**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes

CARNEIRO, Marisa Mendonça; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. **A escrita como uma atividade socialmente relevante**: amostras de atividades da sala de aula de língua inglesa em uma abordagem baseada em gêneros. *Trab. linguist. apl., Campinas*, v. 56, n. 1, p. 187-211, Apr. 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132017000100187&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000100187&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06de Out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/010318135159183271>.

\_\_\_\_\_. **Da produção de resumos a instâncias de metáforas gramaticais**: insights de pesquisa para a escrita na esfera acadêmica. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 27, p. 64-82, ago. 2017. ISSN 1984-4018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5620>>. Acesso em: 20 jul. 2019. doi:<https://doi.org/10.30612/raído.v11i27.5620>.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. **A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso**. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 3, No. 1, 2000 (107-116).

\_\_\_\_\_. **Transitividade e passiva**. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 1, p. 43-66, jun. 1996. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1028>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

DUTRA, Rosália. **Considerações sobre o 'se'**: o pronome camaleão. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, [S.l.], n. 5, p. 74-87, june 2015. ISSN 0101-3548. Available at: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7157>>. Date accessed: 07 oct. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.17851/0101-3548.3.5.74-87>.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 252.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, Michael AK; MATTHIESSEN, Christian M. 2004. **An introduction to functional grammar**, 1994. 3rd edition.

HALLIDAY, M. A. K & MATTHIESSE, C.I. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold. Third Edition, 2004.

HYLAND, K.. **Academic discourse**: English in a global context. London: Continuum, 2009.

HYLAND, K. JIANG, F. **Is academic writing becoming more informal?**  
English for Specific Purposes, 45 (2017), pp. 40-51

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T.. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28.

LEBRETON, James M.; SENTER, Jenell L. **Answers to 20 questions about interrater reliability and interrater agreement**. Organizational research methods, v. 11, n. 4, p. 815-852, 2008.

LOBATO. Monteiro. **O colocador de pronomes**. In Negrinha. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 7. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.

MARCIANO, Lucas Willian Oliveira. **A construção TEM-SE como processo de desagentivização verbal em artigos científicos**. Não publicado.

MARTINS, Edson Ferreira; OSÓRIO, Paulo José. **Da postulação da voz passiva pronominal em português**: tradição e ruptura no pensamento gramatical brasileiro. *Glauks (UFV)*, v. 10, p. 111-129, 2010.

MORAIS, F. B. C. **Entre alhos e bugalhos**: os diferentes usos do clítico SE na escrita acadêmica. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA FILHO, J. L. **Kitconc 4.0**. 2008. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dl/li/x/?p=394>> Acesso em: 15 ago. 2016.

MORENO, C. (2004). *O prazer das palavras*. Porto Alegre: Zero Hora.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Londrina (PR): Eduel, 2003.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

NUNES, Jairo M. **Se apassivador e se indeterminador**: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 20, p. 33-58, 1991.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; MIRANDA, M. A. **Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB)**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2017.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 4<sup>a</sup> ed., 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. J. Olympio, 1973.

ROSSI, Maria Aparecida Lopes; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Gêneros textuais e práticas de leitura presentes na sala de aula**. I Simelp USP, p. 1-15, 2008.

SACCONI, L. A. **Não erre mais!** 23. ed. São Paulo: Atual, 1998.

\_\_\_\_\_. **Novíssima Gramática Ilustrada.** São Paulo: Nova Geração, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gramática Essencial da Língua Portuguesa.** 10 ed. São Paulo: Arual, 1989. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2008 [1966].

SANTOS, Gredson. **Questões sobre a “indeterminação” do sujeito.** In: Revista Inventário. 5. ed., mar/2006. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05gsantos.htm>.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de 'poodle':** variação lingüística, mídia e preconceito. Parábola, 2005.

SCREMIN, G., e AIMI, D. (2010). **A presença da hipercorreção em textos de alfabetizadores populares:** contribuições para os PALOPs. Acolhendo a Alfabetização Nos Países De Língua Portuguesa, 4(7), 117-133. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-7686.v4i7p117-133>

VIVAN, Élide Garcia Silva. **Principais usos de processos verbais e metáforas interpessoais em artigos de linguística aplicada.** 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.